

# Revista do Ensino

ORGAM OFFICIAL

DA DIRECTORIA DA INSTRUÇÃO

ANNO I

Bello Horizonte, 27 de Setembro de 1925

N.º 7

## SUMMARIO

PEDAGOGIA—Educação esthetica.—A Escola ao ar livre.—A Psychoanalyse educativa.—Preponderancia dos estudos na criação.—O civismo e o trabalho manual.—Technica sobre educação physica.—Centro de Instrução Municipal.—Aprendizado educativo.—Programma de Ensino do Estado de S. Paulo.

—HISTORIA E LITTERATURA—Joaquim Silveiro dos Reis.—Saudação ás arvores. PARTE RECREATIVA—Jogos menores.—O bode e a ovelha.—A origem da mandioca.—Hymno a Confraternização Americana. — SECÇÃO OFFICIAL — Avisos.

## PEDAGOGIA

# EDUCAÇÃO ESTHETICA

POR

LUCIO JOSÉ DOS SANTOS

Num dos seus magistraes livros (\*), examina Förster os perigos da educação meramente intellectual, profissional, esthetica, physica ou hygienica. Vamos aproveitar aqui, desenvolvendo-as, algumas das idéas do illustre pedagogo.

*Póde uma época realizar grandes progressos no conhecimento da verdade e, entretanto, recuar longe no amor e realização do bem:* foi Pestalozzi quem pronunciou estas palavras tão bem applicaveis aos nossos dias. Hoje é preocupação dominante enriquecer o espirito, saturando-o de sciencia, e cuidar do corpo, robustecendo-o e embelesando-o. E já se vae mesmo accentuando a tendencia de antepor ao cultivo do espirito, o afornecimento do corpo.

Encantados ante o espectáculo de tão estupendos progressos, embriagados com os triumphos da sciencia e da technica, esquecemos facilmente esta questão gravissima, questão fundamental: Recuamos ou avançamos quanto ao dominio do homem sobre os reclamos inferiores da sua natureza animal, quanto ao influxo da personalidade sobre a vida e o destino? —

Em epochas diferentes da Historia, temos visto ao lado de conquistas brilhantes do espirito, para diminuil-as ou mesmo retirar-lhes todo valor, o poder apavorante da materia sobre a vida e a alma. Taine observou com razão que, na Italia na epocha da Renascença, na França durante o Directorio, na Inglaterra ao tempo da Restauração, viu-se o homem retrogradar subitamente ao que elle era no reinado de Tiberio, isto é, voluptuoso e cruel. Si Taine visse ainda, poderia acrescentar á sua lista, o espectáculo actual do mundo depois da grande guerra,

em que se vê dominar sem freio e sem peias, a preocupação do goso material.

Vemos frequentemente, e ain'a agora, estender-se sobre as conquistas brilhantes do nosso saber, para tudo esterilizar e corromper, a mais grosseira ignorancia quanto ao bem e ao mal; ignorancia essa que vae a um tal extremo que poderia antes ser denominada inconsciencia, tão cega parece, e até mesmo perversidade, tão reflectida se mostra na adopção dos seus meios e na escolha dos seus processos.

Ninguém que ame sinceramente o progresso, irá desprezar os resultados estupendos que a sciencia moderna tem obtido, ou acreditar que a virtude seja incompativel com as luzes do espirito e a ignorancia a base indispensavel da innocencia. Mas, a experiencia tem demonstrado que essas brilhantes conquistas, que todo esse progresso material só podem converter-se em bençãos para o homem, si devidamente contrabalançados pela cultura da alma e pela formação do caracter.

Quando assim não acontece, periga a verdadeira cultura, porque o poder adquirido sobre a natureza se transforma num instrumento de requinte no goso e de degradação moral. E por isso, quanto maior for a nossa facultade de acção sobre o mundo dos bens materiaes, com as tentações que encerra, com as inquietações que provoca, e com as excitações inextinguiveis que desperta de novas necessidades, tanto mais necessaria se torna para nós aprofundarmos e fortificarmos o lado espirital da nossa natureza.

(\* ) *Schule und Character* — Fr. W. Förster 1903.

Essa necessidade não existe apenas por causa do espírito, mas também no interesse da própria cultura técnica, a qual, por sua vez, repousa sobre o esforço ético de educação, através dos séculos, porque a submissão interior do homem, a técnica do domínio sobre si mesmo, a pedagogia do sacrifício, a inspiração do amor constituem as bases mesmas da verdadeira cultura.

A educação meramente intelectual, disse Rousseau, é uma educação necessariamente depravada. Por mais exagerado que tenha sido o sophista suíço, há uma granjeada verdade no que elle diz. Os psychistas modernos mostram-nos exemplos frequentes de indivíduos em que a mais formosa intelligencia se encontra alludida a mais completa ausencia de senso moral.

Intelligencia e caracter não se encontram frequentemente juntos, e, muitas vezes, a razão esclarecida é como a lanterna do ladrão, a illuminar o caminho do crime.

Aristoteles considerava tanto mais necessaria a educação moral quanto é mais facil ao homem apoderar-se da intelligencia, tanto mais degenerar no mais imundo e mais selvagem de todos os seres.

Si assim é a educação exclusivamente baseada no cultivo da intelligencia, não menos perigosa se mostra a educação meramente esthetica, que collima a belleza do corpo, a elegancia dos movimentos, a alegria da vida.

Certamente, foram os inconvenientes da primeira que geraram a pratica da segunda; mas, corrigir um excessso com outro é quasi sempre um erro e um desastre.

As crianças que se acostumam a ás impressões estheticas, que se educaram sob a preoccupação desse ideal terreno, facilmente se encaminham para uma vida sensual e efemera, e, frequentemente, apenas ao refinamento do gosto, cahem na ruda brutal do coração.

A moléstia e a pobreza melindram o senso esthetico, e quem cultivou e apurou apenas as suas faculdades estheticas será prejudicado no amor e na caridade. E', pois, absolutamente necessario, ao lado do amor artistico pelo que é bello, cultivar o amor compassivo e misericordioso pelo que é feio e disforme. Homens assim educados procurar sempre com palavras bonitas encobrir o lado escuro da vida e não querem o que é triste e desharmonioso na existencia, porque isso lhes tira o prazer e o somno.

Com muita verdade, disse Ruskin que entre a alegria ruidosa e o desespero silencioso existe apenas uma tenue septo.

Muitas vezes, o que julgamos tragico na vida não é senão o simples reverso dessa especie de covardia esthetica que se liga á belleza das apparencias e ás illuções da poesia, sem querer saber de consequencias algumas que não tenham a sonhadora formosura.

Imagina a donzella que leva para o matrimonio, preoccupações de ordem meramente esthetica, e o moço que espera encontrar na vida quoti-

diana da familia, sempre tão ardua mesmo para os protegidos da fortuna, as realizações de um ideal artistico! Pobresinhos! Não dia em que reconhecem a vida a familia é uma escola permanente de abrenem que a vida no lar só deve inspirar-se em um ideal que não lhes foi ensinado e que não põdem ou não querem comprehender, nesse dia terão visto ruir fragemento a castello da sua fidelidade.

E em que se costuma transformar então a esthetica? Em brutalidade, aversão e desespero.

Que não venha jamais, nas nossas escolas, a preoccupação esthetica a prevalecer sobre o lado moral e religioso da educação! A arte não é um fim, é um meio, e como tal só pôde ser encaminhada para a realização do verdadeiro destino do homem que é, primeiro que tudo, um ser religioso e social.

Felizmente, assim o tem entendido e o tem praticado o Governo de Minas, contando para isso com a colaboração dedicada e efficiente do professorado.

O ideal esthetico dos Gregos não salvou da ruína a sua grande patria. E aqueles que vivem extasiados ante o patrimonio artistico que a Hellade nos legou, não avilam, por ignorancia ou por depravação, que pavorosas miserias moraes se occultavam sob aquellas formosas roupagens. Naquelle terra, Platão, o divino Platão, só pôde aconselhar para a educação do corpo a gymnastica, e para a do espirito, a musica!

Em Roma, quando a preoccupação esthetica chegou a domar até mesmo sobre aquelles que morriam no amphitheatro, em espectáculo ao povo, querendo entrar elegantemente na arena, já a sociedade havia entrado em franca dissolução.

Que exemplo mais vivo, mais completo e mais instructivo do que esse de Nero, a caminho da cidade, chamado ás pressas de Ancio, porque a sua capital flamejava presa de pavoroso incendio! Não se incomodava-se esthetica com a belleza do gesto povo; preocupava-se apenas com a desgraça do seu de terror tragico que deveria fazer, ao estacar deante de Roma em chamma.

**Dr. Dumoutet — A escola ao ar livre no 1.º Congresso Internacional das Escolas ao Ar Livre — (L'Education — julho — 1925).**

Foi Baginsky o primeiro a cu'dar do problema das escolas ao ar livre.

Coube, porém, ao educador Lemonnier, em 1860, pol-o em realiação, aliás precaria pela ausencia de recursos. Sómente 15 a 20 annos depois é que appareceram escolas diversas ao ar livre, que appareceram escolas ou ligeiramente deontes, tal o primitivo fim destas escolas.

Com os bons resultados alcançados, multiplicaram-se as escolas ao ar livre, principalmente

em face das tendencias hygienicas surgidas após a guerra.

Não correspondendo todas á mesma concepção, foi necessario classificar-as segundo seu modo de funcionamento.

Foi, pelo menos, o que pretendou fazer o Congresso das Escolas ao Ar Livre, reunido em Paris em junho de 1922.

O interesse dessa classificação reside no facto de poder elle especificar o papel de cada uma das categorias estudadas, dando as necessarias diretrizes á organização.

Para o inverno, na França, foi preconizado o systema da classe arçada: «E' uma classe na qual as janelas de um lado ou do outro ficam sempre abertas», define o Congresso.

Uma 2.ª categoria é a das escolas ao ar livre propriamente ditas, internatos ou externatos: escolas situadas fóra das cidades, em condições adequadas de exposição e, por emquanto, destinadas á creanças não tuberculosas mas que necessitam de regimen pedagogico e hygienico especiais, sob fiscalização medica.

Os Preventorios constituem a 3.ª categoria: «Situadas no campo, onde as creanças, geralmente expostas ao contagio no meio familiar, não fabricam e não contagias, atingidas das fórmias iniciaes, latentes e curáveis de tuberculose não pulmonar, são submettidas a um regimen de internato, a uma hygiene especial constituida por alimentação fiscalizada, aerção continua e associação de repouso, educação intellectual e treinamento physico respectivamente dosados pela colaboração de um medico e de um pedagogico.»

As diretrizes para o funcionamento destas escolas, a qualquer que seja a categoria, referem-se aos seguintes pontos: 1.º diminiuição das horas de aulas; 2.º aerção continua no inverno—classe ao ar livre no verão; 3.º methodos pedagogicos especiais; 4.º fiscalização do emprego stricto das regras de hygiene usual; 5.º aulas de gymnastica quotidianas. Para a realização do 1.º dos objectivos acima devem durar as aulas 3 a 4 horas. A aerção continua obtém-se pela abertura das janelas.

Os methodos pedagogicos especiais são constituídos por methodos de observação directa, pela concretização do que é ensinado.

A applicação das regras de hygiene faz-se pelo uso dos lavabos, duchas, etc., na escola ao ar livre e pelo ensino pratico e theoretico das noções de asseo.

Na applicação dos jogos e gymnastica especializadas merecem attenção os casos particulares em que é necessaria a gymnastica correctiva e orthopedica. O habito dos banhos de sol e de ar é conjuntamente transmitido.

Reconheceu o Congresso os seguintes resultados fornecidos pelas escolas ao ar livre organizadas nos moldes acima: 1.º augmento do peso e do perimetro thoracico; 2.º melhora do estado geral e das debilidades particulares; 3.º melhora moral; 4.º resultados intellectuaes muito vezes inesperados.

Em face de tão animadores resultados recommendou o Congresso a criação de escolas ao ar li-

vre, particularmente de uma classe arçada em cada cidade, de escola ao ar livre—externato em cada cidade e de escola ao ar livre—internato em cada departamento.

Tratando das difficuldades diz Dumoutet: «a criação das escolas ao ar livre apresenta actualmente grandes difficuldades (falta das financeiras que não são poucas) uma das mais importantes concerne ao corpo docente: os professores que saem das escolas normaes não aprenderam ali a nova pedagogia ao ar livre, pedagogia para a qual não foram estabelecidas nem regras nem plano bem definido. Um professor de boa vontade adquirirá, evidentemente, com rapidez, as noções que lhe faltam, mas isso representa incertezas que a muitos desanimam. A aula ao ar livre collocou muitas vezes o professor em difficuldades imprevistas contra as quaes elle não se acha apparellado. E' o que comprehendeu o Congresso, pedindo «que o Ministerio da Instrução organize nas Escolas Normaes cursos e conferencias sobre hygiene e pedagogia das escolas ao ar livre e que seja esse ensino completo com visitas e estagios nas escolas ao ar livre.»

Uma outra difficuldade é a incomprehensão pelo publico do fim da escola ao ar livre: têm muitos a tendencia de enviar á escola ao ar livre não sómente creanças debéis no ponto de vista physico mas principalmente debéis no ponto de vista intellectual, de modo tal que a escola ao ar livre torna-se aos poucos uma escola para retardados na qual os paes têm certo acanhamento de enviar seus filhos.

Os partidários da escola ao ar livre ambicionam mais ainda: «pretendemos obter com creanças normaes resultados escolares não sómente eguaes, mas talvez superiores ás das escolas ordinarias e si se applica o que Lemonnier chama successores da escola ao ar livre: redução dos effectivos escolares; redução das horas de aula; afrouxamento dos programmas; novos processos pedagogicos; menos escrita e mais locução; mais iniciativa do professor; disciplina mais familiar; classes ambulantes semanaes; excursões escolares (quintas e domingos).»

E' a completa transformação da escola primaria que é considerada: a escola ao ar livre conduz á nova escola primaria. A transformação da escola primaria está, de facto, no ar livre.

Reconheceu-se hoje que é necessario não sómente uma raça instruída mas também uma raça forte.

A instrução que consiste no acumulo de noções diversas não pôde constituir toda instrução e a cultura das faculdades deve realizar-se na escola primaria.

Reconheceu-se ainda que a educação inculta da escola primaria deve ter methodo: «A educacão pratico: é na escola que se ensinam habitos que a creança guardará mais tarde. A escola ao ar livre exige menos ensino livre e mais educação scinval.»

É precisamente o que diz Lemonnier no preambulo: «vocaciono este Congresso quizemos principalmente proclamar a necessidade das escolas ao ar livre, estabelecer-lhes estatuto, favorecer sua dif-

fusão pelo reconhecimento official, mas é evidente que quizemos com isso promover reformas favoráveis á infancia.

Prestamos serviços a um pequeno numero de escolares pela creação official de escolas ao ar livre, mas supplico ao Congresso não se desinteressar dos outros escolares que são a massa.



Alunos do curso rural na aula de jardinagem, Grupo Escolar «Firmio Costa».

## A PSYCHOANALYSE EDUCATIVA

(Notas apanhadas no curso de M. FÖVET, do Instituto J. J. ROSSEAU.

(L'Éducation n. 2, novembro de 1924)

A *psychoanalyse* é um methodo de investigação do subconsciente. Deixaremos de parte as applicações medicas, e examinaremos sómente a utilidade que o methodo pôde offerecer ao professor.

A psychologia ensina a comprehender os gestos do alumno, os motivos de seus actos. A *psychoanalyse* penetra abaixo da consciencia clara, afim de comprehender toda uma serie de manifestações que passam despercebidas no individuo.

Antes de FREUD, havia outros methodos de investigaçao do subconsciente: o hypnose, o cristal (CHARCOT, a *Salpêtrière*) Explicava-se o subconsciente como os engenheiros procedem para reconhecer a presença de determinado minerio. A *psychoanalyse*, ao contrario, procura os pontos de emergencia das jazidas: ella parte de pequenos factos quotidianos, que são manifestações das camadas pro-

fundas, por exemplo, o tics, e sobretudo: 1.º os sonhos; 2.º os automatismos, tudo quanto acontece como que por acaso (erro de palavras, esquecimentos, etc.), toda uma serie de phenomenos fugidios, que é necessario surpreender com agilidade.

A *psychoanalyse*, partindo destes indicios, descobre as razões occultas das manifestações do subconsciente.

Existem automatismos sensorias (erros de percepção, allucinações), *motores* (gestos, acções, lapsos), affectivos (sentimentos de sympathia ou de antipathia, angustias inexplicaveis) ou *negativos* (inibições, insensibilidades, incapacidade de ver, de agir ou de provar um sentimento).

Exemplos: disse-se, no inicio de uma reunião enfadonha, «está suspensa a sessão», em lugar de «está aberta a sessão». — «Boa tarde», em vez de «bom dia».

O esforço do psychoanalysta é descobrir o que está abaixo da consciencia. A afirmação da existencia do subconsciente é relativamente recente (MYRES), e a *psychoanalyse* não se acha ao abrigo de toda a critica. Concebida como methodo thera-

peutico, já prestou relevantes serviços, e é preferivel familiarizar-se com o seu emprego a ignoral-a. Ella n.º revela as funções do subconsciente no organismo.

De accordo com CLAPARET, são as tres seguintes as principais verificações fornecidas por esta nova sciencia:

- a) a revelação do subconsciente;
- b) o recalcaemento desempenha um grande papel;
- c) o recalcaemento é muitas vezes devido á sexualidade.

A *psychoanalyse* é particularmente util em caso de conflito mental, quando ha luta entre duas tendencias oppostas, porque o subconsciente, além de imagens, possui desejos, aspirações, interesses; é uma floresta luxuriante, povoadi de tendencias, muitas vezes contradictorias. Exemplos: o desejo de se emancipar e o respeito humano. — O desejo de ser affectuoso e a brutalidade de outrem (o outro, no intimo, é representado em nós por tendencias: o que é exterior se interioriza).

Os conflitos bruscos ou permanentes têm resultados analogos (os primeiros mais facilmente reparáveis; mas a fractura equivale a usura).

Nas creanças as tendencias contradictorias são representadas essencialmente:

- a) pelo desejo de se affirmar, de se fazer valer;
- b) pela necessidade de affeição, tendencias que correspondem a conservação do individuo e da especie, de igual importancia psychologica e vital.

Para triumphar em um conflito, ha dois modos, de valor muito desigual:

- 1.º Encaixar os factos, em detrimento dos valores affectivos. Consegue-se modificar os sentimentos por um esforço de adaptação á realidade. É um bom methodo, muito racional; olha-se para o futuro.
- 2.º Apegar-se aos sentimentos, com alteração dos factos. É uma soluçao irracional; olha-se para o passado, não ha progresso. Aqui surgem as diferentes formas de pensamento symbolico para disfarçar as tendencias: recalca-se o desejo, do qual se tinha vergonha, e então elle apparece desfigurado em outras tendencias.

O pensamento symbolico seria um pensamento primitivo. — Sob a influencia do recalcaemento, incapazes de pensar racionalmente, seriamos conduzidos a uma mentalidade pueril em que os factos não são mais submettidos á logica. No pensamento symbolico encontram-se associações por contiguidade, contraste e semelhança. Muitas vezes uma *identificação* de duas pessoas (pae e professor) provoca uma attitude similhante, confiança ou desconfiança desde o primeiro momento. Muitas vezes a creança se identifica com um ser que ella admira, o que influencia conscientemente (papel do cinema). Muitas vezes adquire sobre ella uma grande ascendencia aquelle que satisfize sua curiosidade sexual, o que representa um conselho aos paes que hesitam em iniciar os seus filhos nestes phenomenos.

Da *psychoanalyse*, poderá o educador retirar lições:

- 1.º um melhor conhecimento de si mesmo;

- 2.º não impedir as afirmações da creança, paru não provocar o recalcaemento determinante de disorders (castigos phisicos, voz aspera, olhar energico);
- 3.º amar a creança para evitar e atenuar os conflitos mentaes. Sua necessidade affectiva tem manifestações sensorias e sentimentaes. O grande remedio contra os maus habitos sexuaes é obter a concentração de suas energias affectivas sobre um objecto exterior a estes habitos.

## PREPONDERANCIA DOS SENTIDOS NA EDUCAÇÃO

A educadora Maria Montessori, concebendo que o desenvolvimento intellectual tem a base nos sentidos, planejou e executou um appareho didactico tendente á percepção sensorial, sobretudo externa. Não é preciso encarecer com palavras tal iniciativa, porquanto os mais antigos philosophos preconizaram sempre os sentidos como o alicerce de todo avanço intellectual e chegaram mesmo a estabelecer o principio assaz conhecido —  *nihil est in intellectu nisi prius fuerit in sensu* — nada existe na intelligencia sem que tenha passado primeiramente nos sentidos.

Dahi a necessidade do aperfeiçoamento sensorial desde os primordios da educação, pois esta depende em tudo daquelle, devido ao intimo commercio entre a alma e o corpo.

Segundo a dilaturna experiencia de Montessori, o inicio da discriminação sensorial dos 3 aos 7 annos dá occasião ao educador de exercitar uma influencia preponderante sobre o desenvolvimento intellectual e moral da creança.

O hebetismo, portanto, das potencias inorgánicas de um individuo advem do descuido do mestre em educar os sentidos, desde os premios da vida escolar.

Por mais intelligente que seja, nada poderá fazer aquelle cujos sentidos foram educados. Alánda não se comprehende que haja primores intellectuaes sem o concurso dos organs sensorios, tal o nexo existente entre uns e outros.

Para a comprehensão proveitosa do appareho intuitivo montessoriano, em vez do educador dos sentidos, faz-se de mister expor os principios estabelecidos.

A feição generica do roteiro sensorial é caracterizada pela percepção differencial dos sentidos por meio de exercícos repetidos.

O fim destes não é prodigiar ao alumno a sciencia de varios objectos nem tão pouco dar-lhes uma tecnologia especial.

As idéas concretas e os nomes dados bem como as experiencias sensorias, coexistem necessariamente; estas, porém, tem o predomínio sobre aquelles, devido ao objecto visado por Montessori.

- Esis orden logica seguir-se as experiencias:
- 1.º differenciação dos sentidos;
  - 2.º fixação da distincção percebida;
  - 3.º conhecimento do que é percebido.

Seguin dividiu as lições em 3 períodos: a, associação da percepção sensorial com o nome. Um objecto vermelho, por exemplo, é apresentado á creança. O professor dirá: "isto é vermelho"; depois apresenta outros de cor azul, verde, amarella, dizendo: "isto é azul, verde, amarelo, etc."

b) Reconhecimento do nome correspondente ao objecto.

Mestre-ma, dirá o professor, o vermelho, o azul, o verde, o amarelo?

c) Lembrança do nome dado.

Professor — De que cor é isto?

Alumno — De cor vermelha.

Professor — E isto?

Alumno — De cor azul.

Professor — E aquillo?

Alumno — De cor amarella, etc.

Este processo é applicavel aos demais sentidos, assistindo á habilidade do mestre a adaptação d'elle.

Do domínio do colorido, Montessori gradúa 8 diferentes cores, commandando-as com 8 diferentes graus de sombra, adquirindo as creanças um poder extraordinario de delicadeza apreciativa.

Em exercicios em que entram figuras e solidos geometricos o mestre não deve ter como escopo o aprendizado da geometria. A sua preocupação central é fazer que os alumnos distingam as varias figuras e objectos pela vista e pelo tacto, ensinando-lhes depois os nomes proprios correspondentes. Depois, porém, de largo tempo empregado em experiencias, impõe-se a simples analyse contida no conhecimento dos nomes de suas partes constitutivas.

O processo perceptivo seguido na educação dos sentidos é, por essência, individual.

A creança deve ver, ouvir ou tocar por si mesma, porque do contrario os resultados não se realizam.

O alumno é induzido a empregar seu proprio aperfeiçoamento, lançando mão dos materiais que se empregam e do exercicio de suas actividades pessoais.

O apparelho didactico montessoriano, implicando diversas finalidades, tem uma feição commum. É todo elle um interessante exercicio, com a possibilidade propalada de erros, que se revelam ao menos no resultado, e o conduzem a corrigi-los.

O primeiro objecto fornecido á creança é um bloco de madeira com pequenas fendas de diâmetros graduados, nas quaes devem ser ajustados 10 diferentes cylinders, tambem de madeira, de adrede feitos. A creança escolhe de um montão os cylinders, e pela vista, pelo tacto ou pelos dedos combinadamente, os va collocando nos orificios que lhes são destinados. Qualquer engano na selecção de um cylindro torna-se evidente no momento do ajuste, obrigando o alumno a repetir a experiencia até que a applicação se faça exactamente.

O objecto de tal exercicio, adoptado mórmente nas escolas infantis, é a perfeição dos sentidos e não a completa mestria no manejo do apparelho.

(CONTINUA)

José Altimiras

## ENSINO PROFISSIONAL

### O CIVISMO E O TRABALHO MANUAL

O trabalho manual é substancialmente educativo.

Como prosequção do Slójd, participando dos fundamentos deste systema, a Escola Proffissional se destaca, como a escola por excellencia, para a educação moral e civic, pelos habitos que infunde.

Habitos, repito, porque a educação é exercicio que se forma habito, caracter, sentimento e alma. E nisso está a missão fundamental, o fundamento e a razão de ser da escola. O mestre que sabe inculcar habitos, aquelle que consegue fazer do alumno, não um automatou abulico, mas o consciente no habito, este sim merece o nome de mestre.

Eu escrevo para os paes, não para pedagogos; fallo áquelles que têm no grande livro da vida dos filhos, não para os que só vêm a verdade dos livres, ou me dirijo, finalmente, aos que consideram a educação uma sciencia em plena evolução, e que admittem mais o parecer dos paes, embora não technicians nem pedagogos, ao invéz dessa falsa sciencia que se apregoa infallível e quer dictar leis á evolução da intelligencia e estabelecer planos rigidos e immutaveis de ensino, como se a evolução da mente da creança fosse uma equação algebraica sujeita a formulas e soluções a prioriísticas. Não; a evolução da intelligencia infantil e do caracter, varia de creança a creança, segundo a natureza de cada uma, e exige observação e methodo adequados á sua manifestação e a possível correção.

O trabalho manual é naturalmente o methodo que facilita essas manifestações, e pela auto-correção, as apressora ou corrige. É o que se deve encarecer e louvar neste methodo, porque jámais falhou, e responde á actividade innata da creança.

Elle se nos patenteia na curiosidade com que as creanças espatifam os brinquedos em busca de explorações; no costume geral que têm de brincar com martelos e pregos — quebrando, pregando, construindo, destruindo — habito esse em que a Providencia divina se revela como que mostrando aos paes como deveriam encaminhar a instrução e a educação de seus filhos: brincar que as creanças apprendam as verdades pelas proprias inferencias, sentido e redescobrimto por meio do exercicio dos sentidos, principalmente a mão e a vista, que são as portas da alma.

Esse rarosimmo methodo de ensino, em que se associa o corpo e o espirito no trabalho, para a educação integral, apresenta como resultado immediato, altamente moral e civic, a formação symmetrica do individuo.

Essa formação que acarreta a eliminação ou correção das aberrações innatas, phyysicas e moraes, tão claramente demonstradas pelo medico e psychologo Dr. Heur, que atria, como uma ducha gelada sobre o calor das doutrinas educativas, esta phrase conclusiva, mostrando a alta importancia do trabalho manual como meio de educação moral: «Não

ha creança normal...; para educa-las, se faz preciso, sobretudo, methodo do trabalho manual».

Esta é a grande causa da educação, porque encerra a maior das causas nacionaes, educar e instruir utilitariamente; tão grande que não pôde ser maior, porque della depende a formação civic e economica do povo brasileiro. Não é a melhor para os que defendem o verbalismo: ensanharlhar armas é mais comodo que tens-las na peleja de criar e infundir habitos de trabalho e de acção.

Habito, para ajustar os nossos fins á organização do Estado Escola procuramos uma forma que abraçasse e respeitasse o espirito pratico do Estado e o methodo educativo da Escola.

1. Promover união, amparo e protecção entre os alumnos da Escola Proffissional Masculina;

2. praticar intensamente esportes, mantendo tres quadras de futebol, pingue-pongue, excursões e uma bibliotheca, já com cerca de tres mil volumes;

3. commemorar todas as datas nacionaes no proprio dia, ao ar livre, com hymnos e canções patrioticas, aproveitando-se todas as oportunidades para distinguir os melhores alumnos com honra de levantar o Pavilhão Nacional, no mastro escolar, fazendo o Director proleções explicativas;

4. commemorar aos sabbados, invariavelmente, á bandeira, erguida pelo alumno que durante a semana for julgado o mais distincto, dandosse um com de verdadeiro acto de respeito a toda a solemnidade;

5. instituir a Caixa Escolar, para fazer face ás despesas do programma acima citado tambem para distribuir premios e outros estimulos aos alumnos, durante o curso escolar, dextando-lhes ampla liberdade para que se dirijam, promovam festas e commemorações, guardando o director uma attitude expectativa, e só intervindo quando periclite ou possa periclar a disciplina e a moralidade administrativa.

A idea pratica, o exercicio, os habitos moraes e civicos, postos em acção, sem apparatus, mas com originalidades, é orientado acertadissima; embora se applichem desta ou daquela maneira, é sempre idea pratica.

Os principios republicanos na escola não são uma innovação; elles já existiam em nosso antigo regulamento sob a forma theoria de explicações da nossa magna carta: formas de Governo, poderes constituídos, o voto, o jury, e outras particularidades da educação civic, que, como já disse allures, pairavam no regimen do verbalismo.

Bem haja quem tal idealizou e viu substanciado na obrigatoriedade das disciplinas escolares; bem haja mais ainda quem os viu nas realizações praticas da escola!

O Estado Escola cresceu: o enthusiasmo se apossou dos rapazes, que, hoje me não dão trabalho com a disciplina, com as iniciativas e promoções de festividades, jogos e commemorações.

Affastei-me por completo da associação; todavia, deixei uma ponte, um representante diplomatico do Director, pessoa da minha confiança, que me traz informado, e é um conselheiro junto aos rapazes para conter os naturaes arroubos de sua imagina-

ção, porque o meu affastamento é na apparencia: affastei-me para melhor observa-los e corrigi-los.

Finalmente, que é que se visa com essas organizações escolares?

Não é formar habitos civicos, não é republicanizar o povo, habilitar o joven pela pratica a exercer as funções que, mais tarde terá, forçosamente, que desempenhar na vida social, de que é elemento integrante?

Nesse combate o professor trabalha, a sua e acção; a escola é o borborinho, a officina, a granja, o lar, a sociedade em miniatura. Por isso a causa da educação proffissional — não instrução — é maior do que parece. Se do que vem aqui os olhos admirados, e os applausos que arrancam a todos é muito; suas consequências publicas e particulares são de molde a fazer desse systema de ensino a flamma de combate de um governo para a formação e cimentação de qualidades annimas na raça.

A creança e o joven não são preguiçosos por vontade, são a resultante da atrophia dos organs, da falta de exercicio e da falta de educação. Ha nelles, por assim dizer, o appetite pathologico da inercia.

Si é verdade que os exercicios manuaes do trabalho produzem profunda influencia cerebral; se é verdade ainda que sob a acção, mais se desenvolve um lado que outro, pelo uso da mão direita ou esquerda, problema que faz recomendar o ambidestrimto, si são corriqueiras, hoje, as conquistas da phislogia comparada; e se a nossa moralidade depende do funcionamento regular do cerebro, e do cerebro em conexão com o corpo; é claro que o systema que emprega a educação pelo trabalho manual, é o systema mais racional e o unico recommendavel.

A tendencia é a escola pratica; a inferencia das verdades pela observação nas construções, inferencias e verdades essas que não permitem mais o verbalismo na escola, desde as realizações da escola Montessori até as affirmações de Ben Johnson, em The San Warch, para o ensino de geometria.

Ainda mais: Na Escola Proffissional, nós empregamos o trabalho da mobilias e apparatus geraes. Reunem-se os alumnos em grupos. Governa o mais apto, todos obedecem; ajudam os mais fortes aos mais fracos, todos por um e um por todos; alternam-se no acobardamento, para que se conclua a obra a tempo, dividindo irramnente os lucros, sem quaexas, sem questões e sem disputas.

Que é isso senão a pratica do altruismo, o desprendimento, a caridade, a vida social, o governo dos mais apto, ou o que melhor nome tenha nos varios systemas phisiofficosos?

A escola proffissional tem methodos e processos seus, especies, que se não podem moliar pelos de outros quaisquer estabelecimentos educativos, onde não se emprega o trabalho manual, ou, se o fazem, não tem a orientação e a finalidade que lhes damos. E, como plano de acabamento dessa orientação organizamos a republica escolar como centro de educação moral e civic; estabelecemos formas e funções, de-

mas atribuições a seus membros, modelando-a o mais aproximadamente possível, pela organização do Paiz.

Aqui me accede á mente um trecho de A. Campos - Casa de Paes, escola de filhos:-

«E' mais proveitoso dardes como presente a vosso filho um armario, para que elle mesmo adquira o habito de arrumar os seus brinquedos, e dispor a sua roupa com ordem e com methodo...»

E' o habito da ordem, e o habito da economia, é o methodo, que são objectos da educação manual, habitos esses, que absolutamente não se adquidem com palavras, mas fazendo, trabalhando.

Mas vale os paes, que têm olhos de vê e ouviu de ouvir, uma phrase simples, mas que demonstre uma conclusão logica, uma observação pessoal, que todo o peticitismo das phantasias e abstracções.

Que distancia ha de escola a escola, de povo a povo, de nação a nação, quanto ao criterio da pratica e da utilização da escola!

O Japão, após a guerra com a China, se viu esbulhado dos fructos da sua victoria, pela Russia, que sempre lhe fôra fatal.

Sabiu o Japão humilhado, diminuiu o pobre. Mas, intelligentemente, não perdeu tempo: o inimigo era a Russia, o entrave era a Russia, a barreira ás suas pretensões era a Russia, vença-se a Russia! O Japão apellou para o mestre-escola.

Em todas as escolas, por todos os recantos do paiz, das mais pobres aldeias ás grandes cidades, as escolas organizaram a santa propaganda, incluindo nas creanças o sentimento de desforra, a idéa fida do inimigo, que era preciso vencer, para subir.

A parte franca do inimigo era o mar; as escolas primarias, note-se, não as de marinha, immediatamente, iniciaram a pratica das cousas do mar, e prepararam a guerra maritima.

Em uma banca de folha, num alguidar em muitas ordens, numa simples cela, as mais ricas em tanque, faziam evoluir uma nué de madeira ou de lata, dessas que servem de passa temo ás creanças em casa e nas praias.

A hora das recreações, a petizada em roda, lá estava o mestre: carregá á bolina, olha e barlavento, e a nué virava volta a estibordo, alta os tranques, subam as bujarronas; colle a bolina, larga! Empavezava-se o missame, desapareciam as vergas, tomadas pelos pannos das velas, pandas, tumefactas...

Na areia armavam-se dumas camées, bacias e estreitos e allí, aquella nué de lata, cellula que seria o Mikasa, da estupenda victoria da Formosa, corria, levando alto, alegre, apaixonada a alma das creanças do Japão, que, á hora da chamada ás armas, acorreu toda, joven, entusiasta, amiga do mar, para offerecer-se em holocausto á Patria, e colher a sublime victoria, que collocou o Japão no primeiro plano das nações do mundo.

O inimigo do Brasil é a ignorancia: vença-se a ignorancia!

Semeie-se a carta do ABC e as ferramentas do trabalho, não separadamente, mas unidas, confundidas, de modo que o joven cresca em força e em intelligencia, harmoniosamente.

Aprigio Gonzaga

Da Revista da Educação — S. Paulo.

## Technica sobre Educação Physica

Estampamos hoje em nossas columnas o resultado do estagio feito pela commissão de professores de alguns grupos da Capital, em collegios e escolas primarias do Rio, com fijos de adquirir conhecimentos sobre a educação physica.

O relatório apresentado ao Snr. Dr. Secretario do Interior é na fórma e no fundo uma prova clarividente do estorço e da intelligencia das docentes que, a convite do Dr. Sandoval Azevedo, deram cabal e perfeito desempenho á missão que lhes foi commettida.

O exito obtido não pode ser mais que satisfactorio, como se deprehe do bem elaborado programma que apresentaram.

Os conhecimentos technicos sobre educação physica, colhidos com o mais acendrado zelo e interesse, nos melhores casas do ensino da Capital da Republica são mais que sufficientes para o completo alinho as facultades organicas das nossas creanças.

Com satisfacção, pois, consignamos nossos mais francos encomios ás esforçadas professoras, e para que os resultados auferidos não se adstringam aos grupos da Capital, publicamos a pouco e pouco a serie de jogos e gymnasticas rhythmicas, com o augurio de que serão de real proveito para todos os nucleos de instrução em nosso grande Estado.

### COMO DEVE SER MINISTRADA A EDUCAÇÃO PHYSICA NAS ESCOLAS

#### PRIMARIAS DO ESTADO DE MINAS

A educação physica em nossas escolas primarias, deve ser ministrada do seguinte modo: comprehenderá os exercicios naturaes, respiratorios, succos, jogos e a gymnastica rythmica.

#### EXERCICIOS NATURAEIS

Os exercicios naturaes visam não sómente o desenvolvimento do corpo, como também suggerem coragem, força, decisão, agilidade e destreza. São sete, a saber:

1. Marchar
2. Correr
3. Saltar
4. Arremessar
5. Conduzir
6. Trepar
7. Ataque e defesa.

#### MARCHAR

A primeira marcha a ser ensinada aos alumnos é a caminhada simples, sem preocupação de

cadencia, para que se habituem a andar formados, tendo o mestre o cuidado de corrigir as attitudes defeituosas. A seguir, devem ser ensinadas as marchas:

1. Cadenciaida
2. Nas pontas dos pés
3. Com o tronco flexionado
4. Com elevação dos joelhos
5. Com movimentos simultaneos e alternados dos braços
6. Com canticos
7. Com assobios.

Nota — Na marcha cadenciaida, impedir que os alumnos batam com os pés e abolic a marcação de tempos pelo professor. A cadenciaida pôde ser obtida pelos canticos e assobios.

#### CORRER

- Corridas:
1. Simples (resistencia e velocidade)
  2. De obstaculos
  3. Em um pé
  4. De turmas
  5. De costas
  6. Aplicadas.

O professor deverá ensinar como devem ser feitas as corridas (mãos fechadas, braços flexionados sem exaggero, respiração nasal.) A carreira não deve ser muito prolongada, precedendo-a sempre marcha de pouca duração.

#### SALTAR

- Saltos:
1. Saltos no mesmo lugar
  2. Saltos em diversas direções
  3. Saltos com movimentos dos braços
  4. Saltos de corda
  5. Saltos de distancia com ou sem impulso
  6. Saltos de lado
  7. Saltos para o lado
  8. Saltos de barreiras
  9. Saltos em altura com ou sem impulso.

NOTA: Os saltos em extensão (distancia) com ou em altura não devem ser obrigatorios ás meninas. O em altura não haja areia ou terreno macio, os saltos devem ser praticados sobre esteiras ou capachos.

#### ARREMESSAR.

- Arremessas:
1. Bolas
  2. Varas
  3. Pedros (levres)
  4. Arremessos classicos

O professor dará jogos em que os alumnos sejam forçados a fazer arremessos rapidos e lentos. Em alguns jogos, os arremessos devem ser feitos com bolas pesadas. O professor impedirá que os alumnos arremessem sempre com o mesmo braço, cuidando mais dos arremessos com ambos os braços. Merecem tambem cuidado os arremessos com o tronco flexionado.

#### CONDUZIR

- Conduzir:
1. Objectos levres
  2. Objectos pesados
  3. Varas ou bastões
  4. Collegas

#### SUBIR

- Subir:
1. Em arvoredos
  2. Em cordas
  3. Em muros
  4. Em grades ou cercas.

NOTA:— Estes exercicios não são prejudiciaes ás meninas não devendo, porém, ser-lhes obrigatorios.

#### ATAQUE E DEFESA

Lucta de tração e de repulsão.

#### EXERCICIOS SUECOS

Os exercicios suecos, em geral, já conhecidos em nossas escolas primarias, occupam papel importante na gymnastica escolar e exigem do mestre cuidado especial. Comprehendem movimentos simples ou compostos de cabeça, tronco e membros. O seu fim principal é tornar flexivel o tronco, corrigir os defectos de posição, augmentar a força de resistencia, educando o systema nervoso, fortificando, ao mesmo tempo os organos da respiração e da circulação.

(Incluimos aqui algumas séries desses exercicios adoptados nas escolas do Districto Federal, os quaes poderão ser executados, com proveito, nas nossas escolas.)

Os exercicios respiratorios devem ser sempre executados com cadencia e ao ar livre. Tornam-se mais effizazes quando se levantam os braços, lateralmente, no momento da inspiração e os abaxiam durante a expiração. De um modo geral, deve-se proceder a uma inspiração nos movimentos que tenham por effeito a expansão do thorax e a uma expiração nos que fazem diminuir a sua capacidade.

#### JOGOS

Durante estes exercicios atrahentes, que despertam tanta alegria e entusiasmo, a creança executa uma série de movimentos que lhe são necessarios. Sob o ponto de vista educativo, desenvolvem-lhe o espirito de collectividade e de observação, tendo tambem grande influencia sobre a vista, a memoria, a destreza, a habilidade, etc. Poderão ser ministrados a criterio do professor, que terá em vista a idade e as condições physiologicas do alumno.

Segue-se a orientação dos jogos:

- 1.° Jogos simples, sem instrumento (individuaes ou de equip)
- 2.° Jogos com lenços ou bandeiras
- 3.° Jogos com pequenos cylindros
- 4.° Jogos com maças
- 5.° Jogos com bastões
- 6.° Jogos com bolas
- 7.° Jogos instructivos
- 8.° Jogos sportivos.

GYMNASTICA RYTHMICA

A gymnastica rythmica compõe-se de exercicios mais flexiveis que, visando a harmonia dos movimentos, procuram tambem desenvolver os musculos e educar o systema nervoso.

Na execucao de seus exercicios, devo-se observar o seguinte:

1.º Os movimentos devem ser extensos, completos, arredondados e continuos em todas as direcoes.

2.º Os movimentos são executados com flexibilidade, ficando em repouso os musculos cujo curso for inútil.

3.º As extremidades dos segmentos (bracos, pernas e tronco) descreverão, no espaço, linhas curvas que se approximem do circulo, da ellipse e da espiral.

4.º O eixo desses movimentos conicos, ora vertical, ora horizontal ou obliquo, passará pelas espaldas e quadras.

5.º Os movimentos das pernas são simultaneos e successivos, symetricos ou não.

6.º A velocidade dos diversos segmentos do corpo, cabeça, tronco, braço, mão, coxa e perna está na razão de sua respectiva massa.

COMO DEVE SER DADA A AULA

É preciso ficar bem patente que o professor de cultura physica não tenha em vista «ensinar» gymnastica, nem jogos, para que os alumnos conheçam um numero interminavel de exercicios e memorizem regras de jogos, mas dirigir a classe de maneira que todos os alumnos «praticuem» com regularidade os exercicios e se entreguem aos jogos, com prazer e entusiasmo. Os exercicios de gymnastica deve o alumno fazel-os por imitação, procurando-se regular na sua execucao ao mestre que, nesse momento, nada mais é que um companheiro mais adestrado, a que estão sujeitas a ordem e a disciplina dos demais.

Não se preoccupa o mestre com a nomenclatura do exercicio que, geralmente, em nada interesse ao alumno.

Não se deve exigir, na sahida dos alumnos para o pátio de gymnastica, uma disciplina rigorosa. Si a aula váe interessar e produzir alegria nas crenças, seria incoherente privar-as das expansões do espirito.

Uma vez preparados — o pátio, o material e os jogos — por intermedio de um apito, deve-se exigir uma disciplina perfeita. Será, porém, despezado o velho habito de obrigar os alumnos á posição forçada de «braços cruzados».

Iniciado o jogo, permitir os gritos de entusiasmo e naturaes, tanto aos contendores, como aos assistentes, tudo, porém, sob o dominio immediato do apito commandante. Exigir dos alumnos o maximo respeito ao dirigente da partida (mestre ou alumno) e a maior cordialidade entre colegas da mesma ou de outra escola.

Em uma aula, devem ser dados: exercicios de ordem e disciplina, exercicios naturaes, respiratorios, jogos e, algumas vezes, exercicios de gymnastica sueca.

O PROFESSOR

O professor de cultura physica precisa de alguns requisitos, que são perfeitamente dispensaveis áquelles que se dedicam a outras disciplinas, taes como: agilidade, destreza, presenca de espirito, boa complexão, sobriedade, bom humor. Esta ultima condicao é imprescindivel e primordial: é necessario que o professor, sempre alegre e satisfeito, faça sentir aos discipulos que, durante os exercicios e jogos, tambem está se divertindo. Seria o ideal conseguirmos em cada escola um professor especializado para a pratica da cultura physica.

Devido ao grande numero de escolas existentes em nosso Estado, essa idéa, porém, torna-se irrealizavel. Em compensação, é o professorado bastante dedicado, intelligente e apprehendedor, para que o mestre se transforme em um verdadeiro cultor do desenvolvimento physico dos pequeninos que lhe são confiados.

HORARIO

Nas escolas que funcioenam sob o regimen de dous turnos, deve a aula de gymnastica ser dada, no primeiro turno, na primeira hora, e, no segundo, na ultima hora.

**Justificação:** Primeiro turno. A crença faz os exercicios na primeira hora. Sendo os exercicios feitos geralmente ao ar livre, respira o alumno o ar puro da manhã e não se deixa causticar pelo sol, que, mesmo nos dias de verão, é suportavel a esta hora.

Segundo turno. A' hora em que entram os alumnos para a escola, não só acabaram de receber alguma alimentação, como tambem o sol está mais forte. Assim, é conveniente que os exercicios sejam feitos na ultima hora.

Nas escolas que funcioenam sob o regimen de um turno, os exercicios devem obedecer a esta ultima orientação (segundo turno).

Nos grupos escolares, entretanto, onde a frequencia é numerosa, é necessario organizar-se um horario especial, para que as aulas de gymnastica estejam de accordo com o seguinte:

1.º Os exercicios nunca devem ser feitos depois das refeições, ainda que pequenas.

2.º Depois da aula, deve o alumno repousar pelo espaço de dez minutos.

3.º Nunca permitir que os alumnos tomem agua, sendo depois de decorridos trinta minutos dos exercicios feitos.

Uma aula completa de gymnastica deve occupar o espaço de meia hora.

(Continúa)



Fachada do Grupo Escolar «Firmio Costa».

Centro de Instrução Municipal



a cidade ou villa, onde estiver instalado, não deve o grupo escolar permanecer exclusivamente como uma casa de estudo para seus alumnos, mas ha de tambem constituir-se o centro de instrucção para as escolas do municipio. Della terá que partir a orientação do trabalho didactico para as escolas singulares, unindo-as em fortes laços de solidriedade, fazendo-as applicar os modernos metodos de ensino, animando-as sempre no desempenho de sua elevada missao.

Assim comprehendido, o grupo deixará de ser um apparelio indifferente ao progresso da instrucção no municipio, e transformará-se em um centro de actividade dessa instrucção. De tal modo, o ensino primario formará em cada municipio uma federação de escolas, que terá por séda dirigente o grupo escolar. A ele virão ter annualmente os professores em visitas instructivas, tal qual costumam fazer alguns profissionais, indo observar de vez em quando os grandes centros.

Uma das razões por que, em geral, não prodigam as escolas singulares é viverem isolados os seus professores, sem cultivarem relações com os

grupos escolares, onde naturalmente conheceriam melhores meios de desenvolver o trabalho educativo. Trabalhar é colaborar, e um professor, já disse algum, tem sempre o que aprender com outro professor. Os docentes das escolas aprenderiam com os professores dos grupos, e por sua vez estes aprenderiam com aquelles. Esse intercambio de idéas traria um grande bem ao ensino popular.

Desde que se tornasse um centro de instrucção municipal, o grupo escolar, alem de orientador das escolas primarias, deveria ser o guarda das tradições do municipio. Estas não continuariam sepultadas em condemnavel esquecimento, mas teriam comemoração condigna. Para esse fim fundar-se-ia nos grupos a *sala do municipio*, onde tudo deveria concenter no mesmo.

Na referida sala seria inaugurada a galeria de retrato: dos benfeitores locais, manter-se-ia um museu de objectos de valor historico, haveria um arquivo de documentos, jornaes e trabalhos sobre a historia local, seriam colleccionadas vistas e mapas conjunctamente com estudos relativos á chorographia do municipio.

É de notar a morosidade do progresso intellectual nos districts, que quasi nunca podem acompanhar o desenvolvimento da séde municipal. De-

pendendo aquele progresso da boa organização das escolas, é clara a conveniência de os professores districtes e rurais manterem relações com o grupo escolar, que lhes oferecerá oportunidade de adquirir novos conhecimentos para o trabalho didático. As escolas do município ficarão como que filiadas ao grupo, compartilhando dos melhoramentos por este alcançados.

Não menos importantes serviços realizará a sala do município. Ela despertará a cordialidade das famílias para com a escola, mediante as homenagens que prestar aos nomes benemeritos pertencentes às mesmas. Ela fará reviver a história local, transmitindo-a aos alunos por meio de lições e apresentando-o ao povo nas publicações que fizer. Ela tornará conhecida a chorographia do município, promovendo para esse fim os meios necessários.

A cidade conhecerá o povo, ao menos de nome, os principais mortos benemeritos, que consagraram parte de sua vida ao progresso local. Terá o povo alguma noção do desenvolvimento agrícola, industrial e instructivo de seu município. Saberá qual seja a organização deste e quais as suas riquezas naturaes. Estas e outras interrogações, atinentes ao município, bem podem ser esclarecidas pela instituição que proponho.

Não me parece que haja dificuldade em levar a effeito as idéas apresentadas. Para tanto basta que os professores de escolas singulares sejam obrigados a fazer anualmente um estágio de tres dias no grupo escolar, e quanto à sala do município, é apenas preciso que se lhe dê instalação, organização e pessoal doente do grupo.

Conforme se vê, o valor e a praticabilidade dos melhoramentos propostos estão precinzando a sua prompta realiação.

FIRMINO COSTA

## Programa de ensino do Estado de S. Paulo

(Continuação)

### DESENHO

**Indicações**—O ensino do desenho na escola primaria tem um fim puramente educativo. Não pôde ser ensinado com arte, mas como uma linguagem viva, que sirva para desenvolver nas crianças a imaginação, a observação e o sentimento esthetico.

Como excellentemente bem de expressão que é, seu ensino não pôde ser descuidado: precisa, desde o primeiro dia de aula, estabelecer paralelamente ao ensino da leitura e da escrita.

Quando ao methodo a preconizar, é o indicado pelo objectivo que temos em mira—o methodo do natural.

É notório que a creação, desde a mais tenra idade, manifesta um pronunciado gosto pelo desenho, impellido-a a representar as coisas que mais impressionam os seus sentidos, os objectos volumosos e de cores agradáveis, os animaes domesticos, as pessoas que ama, as cenas familiares, enfim, tudo o que é vivo, todo o que é real, está naturalmente indicada a marcha que devemos seguir.

Comecemos, pois, no 1º anno, pelos desenhos livres, em que as crianças terão toda a liberdade na interpretação, não só do que imaginam ou sentem, como tambem do que

observaram na natureza: desenhos de casas, de paesagens, de automoveis, de trens de ferro, de brinquedos, de scenas imaginadas, de contos fantasticos, episodios historicos, etc.

E' portanto, vasto o programma; não é possível delimitá-lo com rigor. Consta, porém, que o professor assumirá opportunos, isto é, que se relacionem com as lições das demais disciplinas.

Com desenhos livres, convém sejam illustrados os trabalhos escriptos, permitindo-se que na execução dos desenhos, as crianças empreguem, à vontade, lapis de cor. Assim, esses exercicios graphicos tornam-se attractivos para ellas, que, em geral, apreciam o desenho, momento e colorido.

Não desanime o professor com os primeiros resultados obtidos. E' natural que as crianças tenham difficuldade de desenhar. Mas, que importa ao educador que os desenhos sejam, no começo, desordenados ou gratuitos? O que mais o interessa é obter logo bons desenhos, para conseguir o desenvolvimento das faculdades da criança.

Para educar-lhes a vista e conseguir gradativamente uma representação mais approximada do natural, é conveniente, no segundo semestre lectivo, exercital-as na copia directa da natureza. O methodo a copiar deve ficar diante dos olhos das crianças, que precisam, guiadas pelo mestre, observá-lo attentamente antes de executar-o, para que aprendam a discernir as formas feitas das naturaes apparentes.

Por uma questáo de methodo, o professor deverá escolher, para assumpto do desenho das naturaes, modelos de objectos simples, de forma facil de apaalhar, sem linhas rectas, de colorido bem definido e de tamanho tal, que as crianças possam estudá-las na mesma proporção. Satisfizeram a essas condições, constituindo por isso magnificos modelos—as frutas da estação, as tolas e flores simples, as raizes tuberosas, etc.

Com o intuito de formar-lhes o gosto pelas composições decorativas, ensinemo-las a ornamentar os seus desenhos com frisos ou molduras, formadas pelas combinações de linhas e de pontos, arranjos que o professor indicará sumariamente no quadro negro.

### GEOGRAPHIA

**Indicações**—As primeiras lições de geographia devem ser dadas em collação com a natureza, para que as crianças possam descrever a posição relativa dos objectos da sala da aula e do edificio da escola, do bairro, etc.

Para determinar os pontos cardeaes, o professor ensinará que (em nosso hemispherio), ao meio dia em ponto, a sombra sombria e dirigida para o sul. Por este ponto os alumnos determinarão os outros.

Dadas essas noções, o professor pôde passar à parte descriptiva, adoptando sempre em suas lições a forma didactica.

Para o estudo dos accidentes geographicos, aproveitará, quando for possível, accidentes naturaes visíveis no local ou em passeios com a classe. Os mappaes de termos geographicos e o taboleiro de areia servirão para fixar as noções adquiridas. Na falta do taboleiro, uma laoa e um punhalo de arcaçá molhada prestarão o mesmo auxilio.

O conhecimento no quadrante solar, instrumento primitivo de construção facilissima, em que se mede o tempo pelo movimento da sombra que a varinha, illuminada pelo sol, projeta sobre uma superficie plana, será de grande utilidade, ora, onde os relógios são escassos. (Regulando-se pelo instrumento rudimentar, por elle mesmo construído, o alumno não mais chegará tarde à escola.)

### Programma

1) Palestras com os alumnos sobre a posição relativa dos objectos da sala de aula. As partes da carteira e sua situação relativamente às carteiros mais proximas.

2) Observação do local da classe em relação ao predio, a situação da sala de aula e da rua no bairro. Nomes das ruas. Descripção do caminho que cada alumno percorre ao dirigir-se à escola.

3) Os pontos cardeaes, não aprendidos de cor, mas procurados praticamente no pátio e nos passeios, de accordo com o methodo do sol e da direcção da sombra.

4) Exercicios de orientação: applicação dos pontos cardeaes ao estudo feito sobre objectos, edificios, ruas, etc.

5) Medida do tempo: dia, semana, mez e anno. O relógio. Conhecimento das horas pela altura do sol. O quadrante solar.

6) Exercicios de observação: as estações e os principaes phenomenos atmosfericos (chuva, nevoem, neblina, geada, etc.)

7) Explicação dos principaes termos geographicos (montanhas, rios, mares, coltos, lhos, estuários, etc.), parágrafo por parágrafo.

8) Representação em massa plastica, ou no taboleiro de areia, ou no pátio de recreio, dos accidentes geographicos aprendidos.

9) Conversas sobre a localidade. Nomes dos accidentes geographicos que podem ser observados na escola. Os meios de transporte do lugar. Nomes dos povoados proximos, conhecidos pelos alumnos.

10) Descripções de viagens e de gravuras que representem aspectos caracteristicos da vida em diferentes regiões do Globo. (Narrações historicas semelhantes às aventuras de Robinson Crusóe).

### LICÇÕES DE COUSAS

**Indicações**—As primeiras noções de sciencias physicas e naturaes serão ministradas nesta classe sob a forma de pequenas lições de cosas. Deverá, portanto, esse ensino ser feito sempre com o objecto à vista e nas mãos das crianças, ou, na impossibilidade de obtê-lo, à vista da estampa que o representa.

Essas lições não constituem um ensino scientifico, no sentido tecnico da palavra; vivem principalmente o desenvolvimento intellectual dos alumnos, pelo cultivo das faculdades de observação. Serão dadas sem preoccupação theorica, encarecendo-se sobretudo o ponto de vista educativo e utilitario.

Sempre que for possível, será conveniente relacionar com o mesmo objecto as diversas lições do dia (a lição de cosas, a de linguagem, a de moral, a de desenho, etc.), de modo a ver a unidade de impresso dentro das diversas formas de ensino deixo um traço mais duradouro no espirito das crianças.

Quando à ordem das lições, deverá ser regulada pela ordem das estações, afim de que a natureza possa fornecer os objectos mais interessantes e mais convenientes para o habito de observar, de comparar e de julgar.

### Programma

1) A farinha de trigo, o pão e as massas alimenticias. Leite, manteiga e queijo. Carvão e gorduras.

2) Felão, arroz, milho, batatada e fecula. Mandioca e farinha. O assucar. O chocolate.

3) Aguardente, vinho e cerveja. A agua. A laranja e o limão. Os doces e os conservas. O sal de cozinha. Os temperos.

4) O café e o chá. O uso do fumo. O fogo e os phosphoros. O carvão. O petroleo. O gaz de illuminação.

5) A caça e a pesca. O ovo. O milho. As aves domesticas. As insectos aproveitáveis.

6) A madeira. A casa. Os tijolos e as telhas. A cal e o gesso. O vidro e a louça.

7) A lã e a seda. As plumas e as pelles. O couro e os calcados. O linho, o canhamo e o algodão.

8) O arzelite e o oleo. O sabão. A esponja, o pente e a escova. A moeda. Partes exteriores do corpo humano.

9) A caneta e a penna. O giz. O lapis. O papel. O caderno e o livro. A borraçha. A tinta. As cores. O caderno e o livro. A flor e a rosa. A cortiça. O mel e a cera.

### HISTORIA

**Indicações**—A iniciação do ensino de historia patria é feita, conforme indica o programma, pelo methodo regressivo, e mais proveitoso para a creança de pouca idade, que comprehendendo melhor o que a historia nos apresenta, que a que se distancia no espaço e no tempo.

Mas, dar uma lição de historia no 1º anno, não é ensinar a propria sciencia, nem enumerar datas e nomes. E' fazer narrar os factos mais interessantes, em linguagem simples, accessivel a cerebros interessados, em linguagem simples, accessivel a cerebros tão jovens ainda principalmente evocativa, tomando cecos

no ponto de partida, sempre que for possível, o comentario de uma gravura.

É ao narrar um acontecimento, ao descrever um scenario, ao apresentar um personagem, tão firmes devem ser os traços, tão vivas as linhas, tão expressivas as phrasas—que a creança deve ter por momentos a illusão de que o professor viu todo aquele vivo historico.

Quanto ao assumpto do programma, não é possível neto-que-la classe delimitá-lo com rigor, podendo ser modificado, a critério do professor.

### Programma

1) Palestras com a creança sobre o lugar onde nasceu e onde nasceram seus pais e irmãos. A casa paterna; cidade em que nasceu o pai e o filho; a casa materna; o Estado. Nome de nossa patria; nome patronímico dos filhos do Brasil.

2) Descripções, illustradas com desenhos, ou a vista das gravuras e de productos brasileiros, das riquezas e recursos naturaes de nosso país. (Exemplos: a bahia de Guanabara; ouro e pedras preciosas; a floresta virgem; as fructas e animaes do Brasil; etc.)

3) O actual presidente da Nação.

4) Nomes dos presidentes, que precederam ao actual.

5) O ultimo imperador do Brasil.

6) O que era anticamente o Brasil.

7) Os indigenas; seus usos e costumes.

8) O decorecionamento.

9) O hymno nacional.

10) A bandeira brasileira.

### INSTRUÇÃO MORAL E CIVICA

**Indicações**—O ensino desta disciplina deve constituir assumpto das lições de linguagem.

A educação moral não é materia de programma, movente do ensino; é trabalho do professor em todas as aulas e em todo o momento—é a disciplina escolar baseada na affeição e no respeito mutuos.

Desde que o professor tenha conseguido em sua classe uma boa disciplina, sem premios e sem punições, despertando no espirito das crianças a noção de responsabilidade da e dever, desenvolvendo os sentimentos nobres e conseguido um respeito mútuo e um respeito mútuo.

### Programma

1) Recitação de trechos moraes e civicos apropriados à idade dos alumnos e previamente explicados.

2) Adagios populares que encerram ensinamentos moraes a civicos, applicáveis a incidentes occorridos em classe ou na rua, assumptos de lições explicadas e a historias inventadas intencionalmente pelo professor.

3) Historias de personagens de nossa nacionalidade, celebradas intencionalmente pelas crianças.

4) Palestras sobre os elementos de civildade que a creança deve aprender a observar nas suas relações sociais.

5) Recitação de pequenas poesias moraes e civicas anualmente interpretadas.

### MUSICA

**Indicações**—O ensino da musica começa, propriamente, no 1º anno do curso e dos dois primeiros annos deve haver preparo dos organs productores e receptores do som. Nessas classes o unico cuidado que se deve ter é com vista ao espirito da creança, com a educação do ouvido por meio de melodias simples e de tessitura apropriada.

Os exercicios de respiração, exactados com os braços na terceira posição, terão a duração de cinco minutos, com intervalos de tres segundos entre um e outro exercicio.

Os exercicios de vocalização serão feitos, a principio, com uma nota, e depois com um som e duas, tres, quatro e cinco vogaes.

O canto será ensinado por audição. Faremos cantar composições faciles com rhytmio simples, devendo servir de

motivo, tanto quanto possível, as canções populares nacionais, na escala de *do maior* e na extensão máxima de *dó* da primeira linha suplementar inferior até *ré* da quarta linha da pauta natural, na clave de sol.

#### Programma

Para que possa executar todo o programma de musica, é indispensavel que o professor consinta e bem elaborado trabalho didactico denominado «O Ensino da Musica pelo Metodo Analytico», da lava do projecto professor Gomes Jardim.

- 1) Cantar com a denominação de la, as melodias 1 e 2 (pagina 42 do citado livro). Cantar por audição. Exercício de vocalização e de respiração.
- 2) Cantar de melodias 3 e de 5 a 14, não ensinando mais do que duas por vez, com o mesmo procedimento de respiração e de vocalização.
- 3) Cantar das melodias 3 (pagina 52) e de 5 a 8. Cantar por audição. Exercícios de respiração e de vocalização.

#### TRABALHOS MANUAIS

*Indicações.*—Esses trabalhos se destinam a desembaraçar os dedos das crianças, dar-lhes destreza e habilidade manual.

Consistirão, no 1º anno, em exercicios variados de dobradura e tecelagem, accrescendo para meninas—exercicios sobre os pincellos elementares de costura e crochet. Será conveniente iniciar os trabalhos de dobradura com papel de inferior qualidade (papel de embrulho, de jornal, etc.) e utilizar, para esse fim, até as folhas dos chorros de trabalhos graficos.

Os pontos de agulha serão aprendidos em tecidos grossos de algodão e applicados em pequenas peças (um lenço, por exemplo).

Durante estas aulas é preciso que toda a classe trabalhe e que as lições sejam, tanto quanto possível, collectivas.

Nas classes mistas, tendo os meninos deviam praticar os trabalhos manuaes, para que não conservem, a esse respeito, em posição de inferioridade, em confronto com as meninas.

#### Programma

- 1) Desenhar o quadrado e o retangulo.
- 2) Constrair objectos usandos em papel: chapéus, estojos, barquinhos, castiñas, etc.
- 3) Dobrar e trançar serpentinas.
- 4) Executar exercicios facis de tecelagem.
- 5) Modelar em barro, cera ou massinha plastica, as formas geometricas já estudadas (esphera, cubo e cylindro), as formas naturaes que se approximem desses solidos (macã, laranja, peçeco, nabão, etc).
- 6) *Arceçes, para o sexo feminino:*
  - a) Alinhavos em cartão, à vista de modelos appropiados e graduados.
  - b) Pontos facis de agulha, com linhas grossas e cores: pontos de alinhavo, de haste, puzpento e bainha.
  - c) Pontos de marca em anigemo ou talagarcha.
  - d) Crochet: estudo da malha, com agulha de madeira ou osso.
- 7) Applicação immediata dos exercicios, em trabalhos simples e baratos.

#### — GYMNASTICA

*Indicações.*—A gymnastica faz parte integrante do ensino.

Não ha educação completa, quando não se cuida especialmente do desenvolvimento physico.

Si os cuidados hygienicos preservarem o corpo da invasão das molestias, a gymnastica, augmentando-lhe o vigor, tambem favorece a conversação da saúde.

Além de tonificar os orgams, a gymnastica torna o corpo ágil e flexivel, e os movimentos graciosos.

Mas, para que presenciam o fim o que se destinam, os exercicios physicos deverão ser dados diariamente, durante cinco ou dez minutos, de preferência, pela manhã, ou quando o professor verificar a necessidade de movimento por parte dos alumnos, isto é, quando se mostrarem desvontados ou inquietos.

Nessas occasões convem empregar exercicios de marcha e gymnastica, mesmo fora das que se acham consignadas no horario.

Entre os exercicios physicos mais favoraveis ao desenvolvimento normal das crianças, salientam-se os brinquedos ou jogos gymnasticos, á que se entregam ao extraordinario prazer.

Basta estudarmos um pouco a natureza da criança para nos convenceremos de que o brinquedo lhe é tão necessario como a respiração. A natureza não a dotou sem razão dessa irresistivel necessidade de movimento: é um instincto indispensavel á saúde, á força e á formação correcta de seu ser. Além disso, o jogo ou brinquedo é, para a criança, a primeira escola da vida social, e nesses momentos de liberdade que ella aprende a viver com seus semelhantes, que se forma o seu caracter e adquire as qualidades necessarias ao convivio social.

#### Programma

- 1) Exercicios de respiração.
- 2) Formação de fileiras. Posições.
- 3) Marchas acompanhadas de canto, por entre as cartezas da classe.
- 4) Exercicios ao ar livre: marchas caedificadas. Corridas que não excedam a distancia de quarenta metros.
- 5) Jogos gymnasticos: corda, arca e brinquedos musicas acompanhados de canto.

## METODOLOGIA

### APRENDIZADO EDUCATIVO

#### OS TROPHEOS ESCOLARES

A educação consta de duas formações: da formação logica ou instrução, que consiste em ministrar conhecimentos; e da formação psychologica que tende a provocar, a desenvolver, a modificar as diversas manifestações da vida psychica do individuo. Toda educação é cultura e provisão: formar espiritos é nutrir-os.

Estabelecemos o primado da formação psychologica.

A instrução comparada á educação das facultades, é uma gotta de agua no oceano. Só adquirir conhecimentos é infinitamente menos valioso que desenvolver a attenção, a percepção, a imaginação, a memoria, o raciocinio, o senso esthetico e moral, a vontade.

Não ha nada tão grande no mundo como o homem; nem nada tão grande no homem como o espirito. Temos pois em nosso cerebro o mais rico presente divino, a mais bella dadiiva da natureza, o maior diamante de Golconda—o nosso espirito. Como não lapidar esse diamante, como não faceter esse espirito?

Não ha pessoa mais util do que essa que valoriza a sua propria vida interior: Transformar as qualidades potencias em capacidades effectivas pôde centuplicar o valor social do homem: o homem deve aproveitar o maximo de energia e de tensão do seu espirito para atravessar a existencia.

O objectivo precipuo do ensino é formar e não informar o espirito (mas não ha processo de formação que não implique informação). A creança vale mais do que o saber, a infelicidade, «on negligie la plante pour ne songer qu'à la fleur».

A educação não vale por seus productos directos, que são os conhecimentos adquiridos, mas por seus sub-productos que são os habitos adquiridos e bem organizados: habito de observar e de raciocinar, espirito philosophico e appetite da prova.

Assim o diz Pavlov e friza em outro livro: Nos exames, como na vida, aos alumnos, não se deve perguntar o que «sabem», mas o que «são». «São» abedentes, reflectidos, seguros e prudentes generalizações? Inclinem-se todos perante sua superioridade intellectual? São tambem senhores de si, ciosos de sua dignidade, serenos e modestos, escrupulosamente respeitadores da reputação e suscetividades logicas dos outros? Prestemos homenagem ao seu alto valor moral. A maior parte dos sabios de primeira ordem, dos grandes inventores, é mais ignorante de que seus alumnos... A condição de feroz infatigavel, é, sobretudo, uma actividade de espirito infatigavel, numa determinada direcção.

A maior bagagem intellectual que um moco possa trazer da escola não é um acervo de erudição, nem um estylo elegante, mas sim um poder de pensar por si mesmo, de ter iniciativa, de ser capaz de resolver problemas á medida que estes se apresentarem. Essa qualidade não se pôde adquirir compulsando livros, mas fazendo coisas por si mesmo e, quanto possível, diferentes.

O saber é tão grande, que se não pôde dar todo na escola: dáhi a necessidade de engendrar auto-didactos, de aguar as capacidades do espirito para aprender o saber depois, sem o protecção dos mestres. Usomos da observação e do raciocinio para a posse da sciencia, mas sirvamo-nos da sciencia para perfeicção o raciocinio e a observação. O fim da escola é emancipar, formar: Robinsons Cruzes que se bastem a si proprios: com um minimo de conhecimentos, o maximo de aptidões.

O educando, aprendendo por si mesmo, adquire o poder de ensinar-se a si mesmo, ganhando habito de direcção mental, da propria força. «Alheis non sit qui sui esse potest» (não seja de outrem quem só de si pôde depender).

Não tanto por «eu possuo», como por um «eu posso» é que se deve ensinar a intelligencia: a instrução só tem valor em função da intelligencia. Vale mais quem «hebra sabio, não mais sabio».

«State alla — a destra della vita». A escola deve preparar as creanças para as misérias longas e arduas, dando-lhes o gosto da acção perseverante, exaltando-lhes o prazer da lucta contra as difficuldades: deve fazel-as provoverem-se a si mesmas, contarem só com o caso, habitual-as ao «self-support», apprendendo a posse de si mesmas, o «self-control», apprendendo a independencia de toda educação é a conduita; as facultades praticas são a gloria de nossa geração.

A concepção biologica do espirito faz delles um individuo tendo um fim pratico. A educação é a organização dos habitos adquiridos, das tendencias á acção. O criterio de toda educação é a conduita; as facultades praticas são a gloria de nossa geração.

A escola superior recebendo estudantes desta natureza, pôde tornar-os instrumentos capazes de fazer avançar as descobertas scientificas. Só se deve

ajuzar da capacidade de um portador de diploma pelo seu poder de exito nas pesquisas.

### A SUPREMA AMBICÃO DA ESCOLA

O saber vale muito. Mas, muito mais, vale saber observar, ser um independente interprete da natureza—ver e ouvir pelos proprios olhos e ouvidos e não pelos alvius.

Muito mais vale concelecionar, pensar por si proprio: julgar segundo as razões de sua razão e não segundo as razões de outro, afirmar sua personalidade, seu *eu* livre. Quasi todos os homens nascem originães e morrem copiados—devido á má escola.

Muito mais vale ter attenção, que é a ordem e a honestidade do pensamento.

Muito mais vale ter imaginação, posto avançado da sciencia, viveiro das hypotheseis.

Muito mais vale ter acção da vontade—energia fermentada, o instincto da victoria; a vontade, com o seu *anjo custodio*—a consciencia moral; a vontade, para crear—função que faz o homem aproximar-se de Deus.

*Na vontade reside a grandeza e a dignidade do homem. A vontade é o centro da educação.*

Não ha «Lei do ventre livre» na natureza humana; nascemos já escravos do egoismo, da preguiça, da credulidade, da sensualidade, presos pelas laças da hereditariedade, atados-nos ao leque zologico, emparelhando-nos com os seres infra-humanos.

Mas si não existe o 28 de setembro, a liberdade quando ao nascer, existe o 13 de maio, a liberdade quando adulto: o homem recebe a sua aforria pelo poder da vontade. A felicidade do homem tem um nome: «Tu quero»—disse Nietzsche. Não ha nada impossivel: as vontades mais ou menos energicas; a mais potente das alavancas é a vontade. O que são as garraas para o leão, as azas para a aguia é a vontade para o homem. Poder é saber querer.

Todo homem é uma grandeza moral pela sua propria condição de homem. Mas, diz James, somos sombras ou heroes: diante do drama da realidade ou nos acordavamos olhos e olhamos frente a frente; neste caso o homem é para o universo adversario que vale um homem: o dominio de si mesmo é o maior poder que ha sobre a terra.

O misterio da victoria humana, declara A. Austregesio, está na boa orientação da vontade e na educação literaria das commoções. Isto não forma apenas conselhos para os fortes: todo mundo pôde estudar o alphabeto, cultivar jardins, amar o trabalho e dominar appetites.

Para isso, não queremos uma escola de mollucos, mas de rijas columnas vertebraes, afim de termos um povo vertical, um povo de carvalhos e não de canções. Ter intelligencia é uma fortuna; ter vontade para o bem é super-ar-se a si proprio, é ser maior do que o fez a natureza.

Agril o fim supremo da vida. A intelligencia é a luz, não a vida; a vida é a acção, diz Ribot. Crep e actuar—eis o resumo da obra dos grandes homens.

(Continúa)



## HISTÓRIA E LITTERATURA

## Joaquim Silverio dos Reis

No dia 15 de março de 1789, no palácio da Cachoeira, compareceu o executorrei cel. Joaquim Silverio dos Reis, e nos ouvidos do suspeito Governador leva a completa, e talvez exaggerada, revelação de quanto sabia a respeito de tudo que architectavam os conjurados em prol da independência da pátria, segredo que o referido arrancara aos conjurados na confiança da amizade e que elle, sem dó e sem remorso, li oficialmente revelar, lançando assim na ultima desgraça as incautas victimas que nelle tanto haviam confiado. Ouvida a denuncia, o governador manda que o delator a ponha por escripto, o que elle faz em carta datada da Boa do Campo em 11 de Abril, e entregue na Cachoeira aos 19 do mesmo mez. (1)

Quem era o homem que assim procedia, e até que ponto é justificavel o seu acto?

Joaquim Silverio dos Reis nasceu em Leiria, em Portugal, no anno de 1756. Era filho do Capitão José Antonio dos Reis Montenegro e Thereza Jeronyma de Almeida. Segundo affirma Cordero Montenegro, que podia conhecer bem a origem do cel. Joaquim Silverio, era este de uma familia nobre da corte portugueza. (2)

Veu Joaquim Silverio muito moço para o Brasil, aqui casando mais tarde após a Inconfidência, com d. Bernardina Queirera dos Reis.

Joaquim Silverio fez rapidamente fortuna no Brasil, possuindo terras, muito gado e numerosos escravos. (3)

Como coronel de um dos Regimentos de Cavalleria auxiliar, fardou á sua custa o regimento sob seu commando. Gozava de uma protecção escandalosa da parte dos Governadores (4) e assim poudo tornar-se um dos maiores desviadores do fisco. Como arrebatante do contracto das entradas, no triumpho de 1782 a 1784, tornou-se devedor á Fazenda real da importância de 220-4238149, com se lê nas instruções de Martinho de Mello no Visconde de Barbacena, a 20 de janeiro de 1788. Dessa importância pagou elle alguma cousa, porquanto, a 3 de março de 1789, foi intimado a prestar contas do seu contracto como arrebatante dos direitos de entrada da Capitania, estando alcançado em 172-7638919 para com a Fazenda.

Era um homem sem instrucção. Na sua denuncia, a Grammatica é maltratada de uma maneira revoltante.

Na memoria muitas vezes aqui citada — ULTIMOS MOMENTOS DOS INCONFIDENTES — é o cel. chamado — Joaquim Silverio dos Reis Leiria Guites.

Quando, após a Inconfidência, fixou elle a sua residencia no Maranhão, passou a assignar-se Joaquim Silverio dos Reis Montenegro.

Como vimos, a 3 de Março de 1789, recebia Joaquim Silverio a intimação para prestar contas á Fazenda; e, no dia 15 do mesmo mez, comparecia em Cachoeira do Campo, para delatar ao Visconde de Barbacena o plano da conjuração. O Visconde ordenou-lhe puzesse por escripto a sua delação, o que fez em carta tenida a data de 11 de abril, da Boa do Campo. No alto dessa carta, ha uma observação escripta com letra que parece do Visconde: Escripta na Cachoeira e entregue pessoalmente a 19 de abril. (5)

A firma está reconhecida pelo Ouvidor Manitti, Escrivão da devassa em Minas, com data de 15 de junho. (6)

Começa o Coronel: «Meu Senhor pela forçosa obrigaçáo que tenho de ser Lial Vaçalo a noça Augusta So Brana siada apezar de semetirar a Vida como Logo semeiprotestou na oCasião em qui fuy com vidado p. a So Blevaçáo que se emitta, e prontam.º pacey apor napresença de VEX.º o seg.º» (7)

Insistia assim, primeiramente, que fora ameaçado de morte, no caso em que viesse a trahir o segredo que lhe confuram, quando convidado para a conjuração. E continúo: Em Fevereiro doquelle anno, voltando da revista ao seu regimento, encontrou-se noarrail da Lage, com o Sargento-mór Luiz Vaz de Toledo, o qual lhe affirmou «er intenção do nono Governador dissolver os regimentos.

Queixouse então o declarante de que assim o enganasse Sua Magestade, depois de ter o mesmo feito grandes despezas com seus soldados.

Foi, porem, servido Deus que, por esse meo, se conhecesse a «falsidade que se fulmina». Nesse meo da segun para a casa do Capitão José de Rezende Costa, onde pernottou. A noite, em um quarto, o dito Sargento-mór fez-lhe a exposição do projectado levante, cujo primeiro cabeça era o Desembargador Gonzaga, que permanecia em Villa Rica sob o frívolo pretexto do seu casamento, mas na realid- de fazendo as leis para o novo regimen.

Procurou o dito Gonzaga o partido e união do Coronel Ignacio José de Alvarenga, do Padre José da Silva de Oliveira e outros mais, todos filhos da America, valendo-se, para seduzir a outros, do Alferes Joaquim José da Silva Xavier.

(1) Vigário A. Henriques de Figueiredo Lemos. *Monographia da Freguezia de Cachoeira do Campo*. Rev. do Arc. Pub. Min. An. XIII, 1909.

(2) Tiradentes. *Esquisse biographique*, pag. 31. E', talvez, um engano, pois, de outro modo, ficaria sem explicação o enobrecimento de que foi alvo o coronel, como premio da sua delação.

(3) *Ibidem*.

(4) *Ibidem*.

(5) E não 17, como diz J. Norberto. *Hist. da Conj. Min.* pag. 158, nota id. pag. 204, nota.

(6) *Devassa em Minas Gerais*, vol. 1.

(7) *Devassa no Rio. vol. IV.*



Parti interna do museu escolar do Grupo Escolar «Firmino Costa».

Segundo havia disposto o Desembargador Gonzaga, Alvarenga enviaria 200 homens, pis-rupados, da Campanha, e outro tanto o Padre José da Silva. Estes e mais outros armados de espingardas e fuzes, iriam ter, separadamente, á Villa Rica, promptos á primeira voz e á senha combinada para o assalto, que era: «tal dia é o meu baptizado».

O Tenente Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, com outros officiaes, fazia parte do levante, embora não estivesse Gonzaga contente com o me-no Tenente Coronel, pela sua froxidismo, sem a qual já estaria concluido o levante.

A primeira cabeça cortada seria a do Visconde, a qual seria apresentada ao povo, com uma falla escripta por Gonzaga. Seriam cortadas ainda as cabeças do Ouvidor Pedro José de Araújo, e do Escrivão da Junta Carlos José da Silva e a do Ajudante de Ordens Antonio Xavier. Seriam levantados os tributos. Convidaram o declarante, por o sabermos devedor á Fazenda. Pediram-lhe que fornecesse polvora. Acceitou-o com a morte o Sargento-mór Luiz Vaz de Toledo, no caso em que denunciase o segredo. Dias depois, foi o declarante á casa do Padre Carlos, Vigário de S. José, o qual lhe repetiu o que já lhe fora narrado pelo Sargento-mór, acrescentando que llo certo era o levante, que havia o mesmo Vigário desistido de sua viagem a Portugal. Contou-lhe o mesmo Vigário ter visto

uma parte das leis-já prompts, em que trabalhava Gonzaga; e acrescentou que só não lhe agradava a resolução de matarem o Governador, sendo seu conselho que apenas o levassem até ao Rio Parahybatim, com a Viscondessa e os meninos; e ali os deixassem ao que respondia Gonzaga que não devia ser assim, pois o bem publico prevalecia sobre o particular. Esperavam os conjurados que morto o General os proprios nuzos adherissem ao levante. Continuo o Pe. Carlos dizendo-lhe que o Alferes Joaquim José trabalhava fortemente pelo levante, atrahindo grande sequito; que o mesmo Alferes seguiria para o Rio a dispor lá os annos, pois, intenuava-se tambem nua do Vice-Rei, havendo já muitos partidarios naquella cidade. Em Março, o declarante encontrou o dito alferes em marcha para aquella cidade, e pelas palavras que o mesmo pronunciou, se deduzia claramente o intento de que ia animado. A demora na conjuração era motivada apenas pela espera da derrama. Conclue o declarante dizendo que não faz a delação por mau instincto nem pelo desejo de perder a alguém, mas pelo seu dever de fidelidade, desejando que o Governador, nas suas providencias, não faça a perdação dos vassallos. O unico premio, que pediu ao Governador, era o rognium. Mas alguma cousa tem o declarante colhido, que tudo irá pondra na presença do Governador.

nador. Pede ao Céu que ajude e ampare o Governador, e beija-lhe os pés, «O mais Umilde cubidoto Joaquim dos Reis, Coronel da cavallaria das Garças.

Lucio José dos Santos

## Saudação ás arvores

Maria Rita Bur-ler

(Para ser recitada por escola da Festa da Arvor.)

Arvores verdes e farfalhanas, arvores floridas e perfumadas, arvores benditas do meu Brasil, salve!

As arvores!... Quanta poesia nellas se encerra!

Quando a primavera passa por sobre os campos, vaporosa e linda, espalhando por toda a natureza beijos felizes de luz, a seu divino encontro esbaldam-se as nevoas do inverno e, aos raios benéficos do sol a fulgurar em ecos de ani, as arvores, reverdecendo, estrellam-se de flores.

Quão formosass, quão arrebataadoras se mostram!

Vicijantes, estas, emaladadas de flores alvas e olorosas, como as laranjeiras.

Laranjeiras em flor, emblema da pureza, da innocencia, da candura!

Lindas, outras, cobertas de flores rosas e delicadas como os pecegoiros, as paineiras.

Emcantadoras, aquellas, veladas por um manto de né, como as jacobitebeiras, as mangueiras, as goiabéiras.

Por entre seus galhos floridos, voltam passaroas, vibram os ninhos e, enquanto a brisa passa de manso, acariciadora e terna, hymnos de amor, symphonias de ventura partem dos ramos em flor e se elevam no ar, demandando o azul!

Mais tarde, as flores formosas se transformam em deliciosos fructos que tanto apreciamos, e effezes mesmos galhos amigos se curvarão até nós, a oferecer-nos as doirdadas laranjas, os pecegos velludados, as saborosas matizes de rosa e oiro.

Benditas arvores!

Si alguns não fructificam, ainda assim acalentam os ninhos, purificam o ar, embelezam a nossa patria adorada!

Arvores benditas!

Nas horas calidas do estio, como é grato reposer a sua sombra protectora!

Benditas arvores!

Quando surgirmos para a vida, em seus braços descançamos, pois de madeira é feito o berço que a manãe querida nos prepara á luz de seu carinho abençoado, ao calor do maternal affecto!

Esse berço macio e tepido, onde em sonhos sorrirmos aos anjos que presidem o sonho dos innocentes.

Si pudéssemos comprehender a linguagem das consciãas, ouviriamos o berço a cantar:

Emquanto dormes sorrindo,  
Cheio de graça e belleza,  
Eu recordo com tristeza  
A floresta onde nascei!  
Veios d'agua crystallinos,  
Brisa mansa e perfumosa,  
Nuvens de oiro e cõr de rosa...  
Quanto é lindo o ceo sili!

Meus galhos verdes, viçosos  
Estrelavam-se de flores,  
Tão lindas como as amoras,  
Como os sonhos infantis!  
E ao raiar das alvoradas,  
Vinham beija-me, cantando,  
Os passarinhos em bando,  
As aveshinas genis.

Dorme, dorme, creancinha,  
A sorrir cerra os teus olhos.  
Da magua nunca os abrolhos  
Ossem brotar a teus passos!  
E'a a estrella da bonança  
A fulgir na soledade...  
E até bendigo a saudade,  
Quando te sinto em meus braços!

E ainda quando terminadas as luctas da vida, cumprida a missão na terra, enquanto o espirito sobe em demanda dos pãramos do Alén, os restos dos que partem para a eterna viagem, repousam no esquite, cuja madeira provém das arvores amigas.

Arvores sagradas, arvores bem amadas que circundastes esta casa querida, continuãção encantadora do nosso lar, onde nosso caracter se forma no molo das mais acrioladas virtudes, onde nosso espirito se tapida no cadinho purificador da instrucção, eu vos saudô!

A' vossa sombra bemfazeja se passam nossos folguedos infantis; sois confidentes de nossas esperanças, das empoças que precedem e seguem os exames, e os melhores momentos de nossa infancia a vosso lado transcorem.

Mesmo depois de grandes, longe da quadra feliz em que nos vemos, quando por aqui passarmos, nossos corações pulsarão com mais força, a infancia formosa reviverá em nossas almas, que voltarão até vós nas azas da saudade, a oscular-vos cheias de amor e gratidão.

E hoje, que o vosso dia Festivo se commemora,  
Venho trazer vos a aurora  
Do meu amor infantil.  
Crescei, dai flores e fructos,  
Dae sombra, vida e calor!...  
A vós este hymno de amor,  
Floresta do meu Brasil!

## A FESTA DAS ARVORES

CONSTITUTE, inconstratavelmente, um dever de civismo o culto ao reflorestamento do paiz: é problema de relevancia a pesar sobre a consciencia nacional, de vez que a sua soluçõo pende o futuro feliz desta terra lidrada.

Obedecendo a uma inspiraçõo de longo descortino, o actual regulamento de instrucção, tendo — como força, lhe era ter — curado sollicitamente da parte educativa da personalidade infantil, em paralelo com o esforço tendente á despeza dos liames do analfabetismo, o novo codigo de ensino agrãu muito naturalmente, muito acertadamente, não deixando de lembrar ás creanças o amor e o respeito, que ellas devem a arvore, a constante companhia do homem em toda sua existencia, a entidade multiformente dadvosa, de que diminuíam tantos auxilios á victoria do labor humano sobre a face da terra.

E assim se fez. A festa das arvores, cuja realizaçõo se fizera, em tempos anteriores, em nossas escolas, já se officializava, em dispositivo do novo regulamento escolar. Obrigação é nossa, dõs guieiros da massa infantil, na sua iniciaçõo na vida, ir-lhe despertando as forças da intelligencia, appareando-as, dandolhes desenvolvimento para que ellas venham em auxilio do homem, servindo-o, pr-eficazmente, nas multiplass e complexas necessidades da existencia. Outra obrigação ha correndo parallelamente a essa, com sua satisfacão fazendo integra a personalidade humana — a de cuidar carinhosamente das qualidades moraes dessa mesma personalidade, fazendo-as libertas da estagnacão e da ankylose, se desenvolverem e nutrirem.

Não é necessario a posse de dotes propheticos, para se entrever, no futuro, a calamidade sem nome que fará pesar sobre a terra a devastacão das mattas.

O espectáculo sinistro das endemias numerosas, vicijando fructualmente em todo o territorio nacional, inspirou a um dos nossos mais abalizados clinicos a phrase desoladoramente famosa:

— O Brasil é um vastissimo hospital.

A morte, fingida não icemente, tão desavisadamente, tão impoeticamente, ao nos-o mundo vegetal, fará, — a di de nós! — que, em não remoto futuro, alguma possa parodiã a affirmativa do insigne medico brasileiro, dizendo ser o Brasil um vastissimo cemitério. Nosso dever é impedir, *ut vixit*, o desastre imminente. E iniciemos a cruzada bendita, implantando nas almas das creanças, d'esses pequeninos seres que são o porvir da nossa grande Patria, um amor entranhadamente ardente pelas arvors. Esse amor impedirá o ultrage; e na ausencia da afrouta, não existirá a desgraça tremenda, de que todos, com justissima razão, nos arreceamos.

A festa das arvores será uma pittoresca pagina de civismo, na qual as creanças irão beber a comprehensão salutar do dever, que lhes incumbe, de agir sempre a favor das nossas mattas, em geral e das nossas arvores, em particular.

Bemavisados, grandemente, portanto, o dispositivo, que a estabeleceu taxativamente em um novo codigo escolar. Que a belleza da realidade venha coroar a elevaçõo designio, — são os nossos ardentes votos de patriota.

BENTO ERNESTO JUNIOR

## A ARVORE

Em nosso ardoroso affi,  
Na lucta pela existencia,  
Temos na arvore uma irmã,  
Que nos deu a Providencia.

Quanto bem d'ella não parte  
Para ajudar-nos na vida!...

A arvore é, em qualquer parte,  
A nossa amiga querida.

Amiga dos passarinhos,  
Dos animaes é-o tambem:

Para muitos mil carinhos  
Qual mãe amorosa tem.

Para honra-las e bemdiz-la  
Ergamos a nossa voz!...

Sejamos amigos d'ella  
Assim, como é ella de nós!...

BENTO ERNESTO JUNIOR

## Minas e a sua obra

O grupo escolar «Moreira Brandão» da cidade de Jaguary em amplitude de área e mesmo em esthetica, é, pôde affirmar-se sem lisonja, um dos mais favorecidos senão o mais confortavel dos predios *sui generis* das pequenas cidades do interior do Estado.

O decreto da sua creaçõo data de 1911, quando era presidente do Estão o coronel Julio Bruno Brandão, senão a construcção do edificio autorizada pelo Dr. Americo Lopes, antigo Secretario do Interior no governo do Dr. Delfim Moreira.

As obras, mau grado todas as expectativas, foram paraladas, objeando apenas de dois lustros consumados, um parco alcoreso-visitumbre real de quanto carecia ainda para o seu termino.

Ao espirito remodelador do grande Laul Soares coube a tarefa meritória de desenvolver-as.

E ao eminenter Dr. Fernando do Mello Vianna é dada a primizia da sua conclusõo e installacão.

O edificio, assente em terreno declive, cuja área baldia, dada pela Camara, excede a quatro mil metros quadrados, foi ornado naquella época em 1923-24, dos quaes dez foram offerdados pela municipalidade.

Tem seis salas amplas, afõra um salão nobre, gabinetes e seis installações sanitarias. Mede o sitio de frente vinte e tres metros por vinte e oitocarenta centimetros de comprimento.

Duas escaadas lateraes, uma á direita e outra á esquerda, dão accessõo ao novel estabelecimento. As suas vinte e seis janellas artificioamente curvadas, reverberando os preceitos hygienicos, são a synthese da imponencia desse edificio, destinado ao mais relevante senão sagrado dos misteres.

Felizmente todos os elementos de Jaguary têmido ao encontro dos nobres ideaes do actual governo, no firme e elevado proposito de disseminar o ensino primario.

Mario Rebello

Saudação á Bandeira

MARIA RITA BURNIER

(Para um pequenito de 17 anno, que a re-  
lizará, empunhando uma pequena bandeira  
do Brasil)

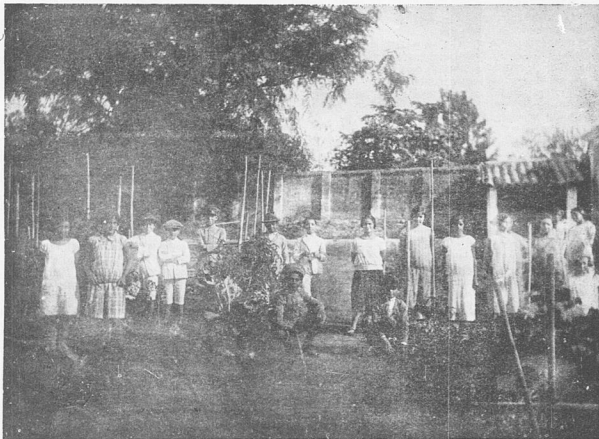
Sou pequeno, meus senhores,  
Mas de que vale a figura,  
Si em minha fronte fulgura  
A aureola de brasileiro?  
Ser pequeno... isso que importa,  
Si neste peito innocente,  
Pulsa, ardoroso e valente,  
Um coração altaneiro?!

Deixae passar, que, mui breve,  
Na curva azul do horizonte,  
Vibrando de monte em monte,  
Ouvireis os feitos meus!  
Deixae passar, meus senhores,

Sou pequeno mas sou forte!  
Nem mesmo receio a morte,  
Só rendo cultos a Deus!

Esta bandeira formosa,  
Que os braços meus não abate,  
Hei de levá-la ao combate,  
Hei de cobri-la de gloria!  
E no meio da peleja,  
Ao tropejar da metralha,  
Ha de fulgir na batalha,  
Como um penhor da victoria!

Salve, pendão auriverde,  
Pallio augusto e sacrossanto!  
Musa, que inspiras o canto  
Do meu amor infantil!  
Salve, emblema idolatrado!  
Salve, bandeira bendita!  
A' tua sombra palpita  
O coração do Brasil!...



Alunos do curso\_rural na horta escolar — Grupo Escolar «Firmino Costa».

SECÇÃO RECREATIVA

JOGOS MENORES

(Continuação)

14.—Pegar a corda

Apparelhamento: Uma corda.

Estender a corda no meio do campo, paralelamente ás bases previamente demarcadas. Dado o signal, as duas turmas collocadas nas bases correm e tratam de pegar a corda e levá-la para o seu campo.

15.—Batalha

Apparelhamento: U'a massa para cada jogador e meia dúzia ou mais de bolas macias, incapazes de machucar. O campo deve ser fechado, medindo de 15 a 25 metros de comprimento e dividido por u'a linha divisória. O numero de jogadores pode variar de 10 a 40, divididos em dois grupos e postados nas extremidades do campo. Cada jogador levará a sua massa. Occupar o campo todo a sua maior largura. Colocar as massas em pé, ficando os jogadores em frente. Repetir as bolas entre os dois grupos, lavando-as no chão.

Dado o signal, cada jogador procurará apoderar-se das bolas e lançá-las immediatamente contra o grupo opposto, mirando as massas, e ao mesmo tempo defenderá a sua massa das bolas do adversario. Derubada não poderá mais a massa ser levantada. Vencerá o grupo que derrubar o maior numero em certo tempo.

Variação — Vencerá o grupo que derrubar todas as massas do adversario. É lícito buscar as bolas no campo contrario, mas só poderão ser lançadas por detraz da linha divisória. Embora a massa seja derubada o jogador continúa o jogo.

16.—Passar a bola a cavallo

Apparelhamento: Uma bola macia.

Numero de jogadores: 12 a 20, divididos em dois grupos, postados em circulos concentricos de maneira que o peso dos jogadores se equilibre. Determinar-se-á por sorteio qual dos grupos será o «cavalleiro» e a que se entrará a bola. Os cavalleiros terão de se conservar sempre em círculo. Montar os cavalleiros nos cavalleiros. Dado o signal os «cavalleiros» procurarão passar a bola de um para outro, enquanto os cavalleiros se mexerão de forma a dificultar o arremesso e a p'gada da bola. Cabendo esta a um cavalleiro mais proximo agarrar-se-á della, ao passo que os «cavalleiros» desmontarão e fugirão. O cavalleiro que pagar a bola terá de parar imediatamente e de atirar a contra qualquer dos cavalleiros' enquanto que os demais cavalleiros se deitirão.

Variação—O cavalleiro que pagar a bola ou a jogar contra os cavalleiros ou a passar a outro cavalleiro em melhores condições de atirar. Este segundo poderá repetir a manobra para um terceiro e assim por diante, até ao que quem reciba a bola não corra mais. Si nesses passes successivos cair a bola, os cavalleiros perderão a oportunidade e recomeçar-se-á o jogo.

Si a bola atingir o alvo mudarão os grupos de posição.

17.—Barra

O terreno deverá ter limites bem visiveis e no angulo direito de cada campo deverá marcar-se uma base. O numero de jogadores poderá variar de 10 a 30, divididos em dois grupos, postados nas extremidades do campo, barras sob o commando de um capitão. Dado o sinal, um jogador sahirá do seu campo para desafiar o adversario do qual se aproxima quanto quizer. Este corre-lhe em cima para pegá-lo. Contra elle avançará um companheiro do primeiro jogador, o qual deverá voltar immediatamente ao seu campo. Assim alternadamente sahirão os jogadores. Si o jogador que sahir para desafiar for tocado pelo adversario, bem como qualquer que sahir em auxilio dos perseguidores de ambos os lados, ficará preso e será collocado prisioneiro na base. Se qualquer de seus companheiros conseguir foca o adversario, ficando mais de um prisioneiro, poderão formar uma cadeia, extendendo os braços, contanto que o ultimo mantenha o pé

dentro da base. Se só pôde libertar um prisioneiro de cada vez. O jogador que prender um inimigo, ou que livrar um prisioneiro, poderá voltar livremente a respectiva barra.

Vencerá o grupo que prender o maior numero em certo tempo.

18.—O veado quer fugir

Dispor o grupo em círculo, de mãos dadas e no centro um jogador, o «veado». Dado o signal, este procurará sair do círculo, não podendo os da roda impedir-o semto com os braços. Se o veado substitui-o-á no centro.

Variação—Se o veado conseguir sair carreira e aqelle que conseguir pegá-lo substitui-o-á.

19.—Corrida de circuito

Risar no terreno um círculo, cujo tamanho variará com o numero de jogadores. Dispor o grupo em círculo com o lado esquerdo para dentro e com intervalo de dois passos entre os jogadores. Dado o signal, todos correrão veizmente pelo círculo, procurando passar por fora os jogadores em frente. Se tal se der o ultrapassado se retirará do jogo, ficando dentro do círculo. Vencerá quem ultrapassar o maior numero em certo tempo.

20.—Luta montado

O terreno deverá ser plano. Numero de jogadores, de 10 a 30, divididos em duas turmas, em cada u'a das quaes equilibrar-se-á o peso dos jogadores. Sortear em cada turma, os «cavalleiros» e os «cavalleiros», montando estas naquelles. Dado o signal, abrir-se-á a luta com os do lado opposto. Considerar-se-á finda qualquer luta individual desde que o «cavalleiro» seja desmontado ou tocado no chão. Vencerá a turma que desmontar o maior numero em certo tempo.

21.—Tomar a trincheira

Tracar no chão duas linhas paralelas com intervalo de tres metros. Numero de jogadores, de 10 a 40, divididos em duas turmas. Colocar a primeira entre as linhas, junto a uma della, e alinhar a segunda em frente, fóra da linha. Dado o signal, esse turma procurará a trincheira, seja de tennores só não poderão segurar as fronte dos atacantes. Os que a passarem valerão um ponto. Travar-se-á a luta em tempo certo, findo o qual as turmas trocarão de posição, tomando-se nota dos pontos ganhos. No fim do quarto periodo vencerá a que tiver maior numero de pontos.

22.—Empurrar a corda

Apparelhamento: Uma corda forte e cumprida. Campo: Plano com 15 a 20 metros. Numero de jogadores, de 10 a 40. Colocar a corda atravessada no meio do campo. Dispor o grupo em duas turmas, postada cada qual nas extremidades do campo. Dado o signal, correrão ambas as turmas e segurarão a corda, procurando empurrar-a para o lado contrario. Vencerá a turma que conseguir empurrar-a até o limite, ou, havendo tempo pre-estabelecido, a que levar mais perto a elle.

23.—Pega-pegas do avestruz

Escolher o jogador. Dado o signal, o jogador procurará tocar em qualquer dos jogadores que fugirão na immi-nencia de serem presos, dobrarão os joelhos e passando o braço sob a coxa segurarão o nariz. Nesta posição não poderão ser presos. O preso substituirá o pegador.

24.—Roubar munições

Apparelhamento: Varas, massas, bastões, etc., emphillados no meio do campo. Dispor o grupo em turmas, postadas nas extremidades do campo. Dado o signal, correrão ambas as turmas, levando de uma em uma as munições para a sua linha, voltando para buscar outras. Vencerá a turma que roubar a maior quantidade.

25.—Ida e volta

Dividir o grupo em duas turmas paralelas e fronteiras nas extremidades do campo. Ao primeiro signal, a turma pre-

viamente designada, avançar em direção à outra. Ao segundo sinal esta correrá sobre a primeira, procurando prender os jogadores que correrão para sua base onde ficarão abrigados. Os presos podem fugir ou o lado contrário.

26.—Peça-pega índia

Escolher o pegador. Dado o sinal, procurará o pegador tocar em qualquer dos jogadores, que fugirão, ou, na iminência de serem presos, abrirem-se, encostando a cabeça no terreno: nesta posição não poderão ser presos. O preso substituirá o pegador.

27.—Peça-pega montado

Escolher o pegador. Dado o sinal, procurará o pegador tocar em qualquer dos jogadores que fugirão, ou, na iminência de serem presos, procurará montar em outro companheiro; nesta posição não poderão ser presos. O preso substituirá o pegador.

28.—Nota certada

Escolher o pegador. Dado o sinal, o pegador escolherá um dos jogadores ou indicará atravessando-lhe o nome e procurará pegá-lo. O fugitivo somente escapará à persecução quando outro companheiro girando entre ele e o pegador, que imediatamente correrá sobre ele. E assim por diante. O preso substituirá o pegador, sem interromper o jogo.

FOLKLORISMO

O BODE E A ONÇA

Um dia o Bode, sentindo-se velho e alquebrado e cansado já de dormir ao relento, resolveu construir uma caféia onde abrigar das intempéries a sua venerável carcaça e o seu magestoso cavanhauque, garantindo-se ao mesmo tempo contra os ataques dos animais ferozes, que nem por trespassar a boca, deixavam a carne a sua carne, á falta de outra, um manjar bem tolerável.

Deparando-se-lhe um terreno baldio, achou que ali ficaria muito bem a sua futura morada, e pôz-se a roçar-lo com vontade e coragem. Á tarde, deixava o solo limpo e aplinado, pronto para receber os esteios, quando, succedendo passar por ali a Onça que, também com intenções de construir, andava a procura de um sítio apropriado, delle se agradeceu.

Tão entusiasmada ficou com o achado, que nem sequer lhe ocorreu á idéa de que aquelle terreno, assim desbravado, pudesse ter dono. Atribuiu a coisa á protecção do bom Deus, que, conhecendo provavelmente o seu desejo de estabelecer-se, quiz poupá-la áquelles trabalhos preliminares. Assim pensando, e como os da sua espécie sempre trabalham á noite, metteu hombros á obra e dentro em pouco tinha preparado e collocado nos logares competentes os quatro esteios. Voltando no outro dia a proseguir a construcção, o Bode não deixou de ficar assombrado ao ver assim adelantada uma obra que na vespera deixara ainda todo por fazer. Não se encomendou, contudo, nem se deu por achado. Atribuindo por sua vez aquillo a algum camarada servical, que, passando por ali e sabedor do seu plano, lhe quizesse prestar aquelle auxilio, lá se foi muito ancho e satisfeito da vida, depois de ter cortado na capoteira proxima e collocado as ripas nos seus logares.

Assim, sem nunca se encontrarem, um ao sol e outra á luz das estrellas, iam os dois trabalhando

para o mesmo fim, até que, concluida a caféia, traram de nella se instalar com todas as tralhas e pertences. Ahi, porém, é que foi o busiliu. O Bode, ao chegar, já encontrando a Onça confortavelmente alojada naquelles dominios, que julgava muito seus, queou-se espantado, imaginando no melhor modo de expulsar aquelle hospede intruso e indesejavel. Trouxe-se, então, entre elles acalorada discussão, em que foi valentemente disputada a posse da nuda pacifica e mansa, do cultivo e do cultivo. O Bode, com scenica logica que faria morrer de inveja qualquer chicanista, tentou provar por A—B o seu indiscutivel direito á casa e ao terreno em litigio. Fôra elle que o desbravara e preparara. Chegou até a propor a nomeação de um tribuna, a honra, composto de bodes e de onças, para dirimir a pendencia. Não podia se conformar com tão escandalosa exploração. A Onça por seu turno, allegou a sua boa fé e os serviços prestados, encrencando-os desparadamente. Após animado debate, em que o Bode revelou, por signal, notáveis talentos de rábula, chegaram afinal a uma solução amigavel. Ficou combinado que o Bode occuparia metade da casa, accommodando-se a Onça na outra metade. E passaram assim os dois irreconciliáveis inimigos á viver de paróde e meia. Antes, porém, de firmarem este accordo, a Onça teve, num assomo de lealdade pouco commum em bicho tão traquieiro e desleal, a franqueza de prevenir o seu catingueto visinho que se a visse algum dia de testa franzida, o que nella era signal evidente de mau humor, traisse quando antes de raspar-se, pois, em caso contrario, não responderia pelo que lhe pudesse acontecer. O Bode, por sua vez, nada querendo fiar a dever em franqueza e lealdade á sua temivel companheira de casa, foi logo lhe declarando que, si o ouvisse algum dia espirar, com cuidado, tendo com os chifres no tecto, tratasse de fugir depressa da sua presença, pois nessas occasões não se responsabilizava tambem pelo que pudesse ser. Estavam assim bem prendidos um a respeito do outro, quando, certa manhã, a Onça sentindo os primeiros rebates da fome, sahiu á cá da uma caça que lhe sciasse o appetite voraz.

Estava o bode, muito socegado, a ruminar no seu cantinho a philosophia sobre a vida, quando a viu, entre pasmo e inquietude, voltar algu tempo depois arrastando pelos chavelhos a presa, um nédio e truculento bodarrão que acabara de matar naquelle instante.

—Ué! E' assim, pensou de si para consigo. Si com aquelle camarada, vigoroso e agigantado, ella fez o que fez, que se dirá comigo, pobre bode velho e adentado?...

—Uma coisa á impressão de terror que lhe deixara aquella scená, sahiu o Bode, correndo, com tal caparismo, como se a primeira coisa que avistou em caminho foi uma onça formidavel e possante. A tal-á, pensou, seria uma temeridade inutil a superioridade de forças de armas do inimigo era evidente. O medo suggerir-lhe então uma ideia genial, que nem parecia de bode. Depois de cortar com os dentes um molho regular de cipós, começou

a enrolar-se em torno de um velho jequitibá. Intrigada com aquelle manejo, cujo fim não comprehendia, a Onça indagou, curiosa.—Que vos o sr. Bode fazer com esses cipós?

—Uma coisa muito simples,—respondeu o bode—amarrar-me com elles no tronco daquella arvore que ali vê. E acrescentou, com ar compungido:—

—Então dona Onça não sabe? Pois um enviado do Céu andou por ahi á avisar que o mundo vai se acabar com uma grande ventania, que arrebatou Santo avisou aos bichos que se amarrassem ás arvores para não terem o mesmo fim que os outros...

—Ahi E' assim? Então voce vai fazer o favor de amarrar-me ao tronco.

—Nesta não cêio eu, replicou o mateiro animal, a coisa não demora e não quero que me surpreendam nestes arranjos salvatórios.

Depois de se fazer muito rogado, o Bode consentiu, todavia, em fazer o que a Onça com tanta insistencia pedia. Escolheu os melhores cipós os mais resistentes, e, chegada a Onça ao tronco, poz-se a amarrar-a com quantas forzes linha.

De quando em quando lhe pediu que desse um safoam áfimo de experimentar a solidez dos cipós. Assim que o viu fortemente enleada, incapaz de qualquer movimento de defesa, abriu-lhe o ventre a eifradada e, depois de verificar que ella estava bem morta, desamarrou-a e á foi arrastando até a casa.

Vendo-o entrar com aquelle visinho trophéo, chegou á Onça a vez de pensar que se o Bode conseguisse abater aquelle irmão tão robusto e possante, com muito mais facilidade daria cabo della, pobre onça velha e caçada.

Enquanto ella assim prudentemente raciocinava, o Bode, que se recolhera a seus aposentos para repousar das fadigas do dia, sentindo comichões no nariz produzidas por capim que se lhe introduzira nas ventas, soltou um espirro formidavel, seguido de forte murrada que abateu toda a caféia. Não foi preciso outro aviso: a Onça dispersou como uma flexa rumo á porta e o Bode, por seu lado, notando que ella trazia a testa horriavelmente franzida, tratou tambem de pôr-se logo ao fresco, em direcção opposta.

E ahi têm, segundo a tradiçáo indigena, a razão por que o Bode e a Onça, que já moraram juntos, fogem um do outro como o diabo da cruz.

Folk



Á origem da mandioca

A mandioca (em tupy *mani-coc*, «casa de Mani») esse prato tão prosaico, tem, segundo a lenda que transitam os habitantes das nossas selvas primitivas, uma origem interessante e poetica.

Da primogenita do chefe da *Iáca* nasceu uma criança extraordinaria.

De modo mysterioso viera ao mundo, e os que a viram sahiram a apregoar de *oca* em *oca*

que era um anjo do Céu. Mani, assim a chamaram, veio ao berço de burily quando a aurora beijava as lombadas da serra. Tudo nella era extraordinário e phantastico. Seus cabellos, logo ao nascer, já lhe cahiam pelas espanduzinhas em cascatas de ouro, frizadas á luz do sol levante. A tez, longe de ser bronzada, como a das tribus, era alva como a geadá e ligeiramente colorida do transparente etheres da madrugada á hora apothecica do rosi-cendo. Brillavam-lhe dentro das orbitas dois olhos encendidos e azues como o arco que se desdobra no alto e, recomendáa ainda, já lhe adornavam a bocca, ao abrir des labios rubros como a pitanga, duas fileiras de dentes esmalçados e bem fiés.

A pelle, transparente e fina, tinha a debilidade vaporesa das gottas de orvalho que se desprendem aos primeiros raios do sol. A tribu toda alvoprocou-se com a mysteriosa vida desse ente sobrenatural, se com a mysteriosa do culto fetichist; e concebeo dos filhos do futuro, foram chamados e consultados. Diziam uns que era filha de Jacy, a mãe dos vegetaes, o apalescente e praticada Luz; outros que era de ora de Rudá, o cariceoso Deus do Amor. Outras lendas ouviam a seu respeito, até que uma noite, em sua cabana, o cacique teve uma visáo que lhe revelou a origem semi-divina de Mani. A nova espalhou-se pelas outras tribus, atrahindo milhares de guerreiros á oca sagrada.

Uma tarde, quando os filhos das selvas ululavam nas distrações de um festim, a fulva creatura appareceu no grande patéo circular. Como por encanto, cessaram as danças selvagens. Mani atravessou silenciosa as fileas dos bronzados selvicosas, assentou-se no tronco central e, mansamente, pendendo a cabeça loura, morreu sem um suspiro, sem um estertor, sem uma contracção nas faces placidamente serenas.

Lamentações irromperam de todos os lados, mulheres desgraçadas arrancavam os cabellos, pranteando, e o clamor festivo das inubias mudouse em melodia chivosa entrecortada de gemidos.

No interior da oca, sob o tecto unico coberto de sapé, sepultaram o fragil e adorado corpinho.

Diariamente á hora do pôr do sol, regavam o pequenino tumulo, segundo costume das tribus. O selvagem encarregado dessa piedosa tarefa, la encontrou, uma vez, brotada sobre a cova de Mani, desconhecida planta. Á haste, em poucos dias, deu sementes, que os selvagens, supersticiosos, não descuraram a cultivar. Se os passaros, os botos, tinham devorá-las e contam que sahiam dalle embragadas pelo nectar que encerravam.

Fôra delles, ninguém mais ousava profanar o vegetal legimo e sagrado.

Afinal, um dia a terra fendeu-se por si, descobrindo-lhe a raíz. Cavarum-na'a, extrahiram-na e no seu miolo branco, revelando um alimento poderoso, viram todos o corpo metamorphosado de Mani, mysteriosamente enviada do Céu.

Provaram-na, e assim originou-se e appareceu a mandioca, alimento benedito dos filhos de Tupan, transfiguração de Mani no ambito escuro de sua oca.

## HYMNO A CONFRATERNIZAÇÃO AMERICANA

Letra de  
Goulart de Andrade.

Musica de Francisco Braga

(♩ = 112)

PIANO

Empa-lavras de luz e de can-do ra: Fé, con-cor-dia, i-de

...-si, per-dão, pie-da-de... Pa--ra que to--dos possam en-ten-de las

Céu da A-me-ri-ca! A- sylo ao sof-fri-men-

...-vel - - - las

Propriedade reservada.

Deus com-poz pe-lo céo na louza es-cura O hym-no per

- fe - - to da fra-ter-ni-da-de Com o syllabario ar-den-te das es-

- vel - - - las

Céu da A-me-ri-ca! A- sylo ao sof-fri-men-

to Dos nan - fra - gos da estreça em ou - tras pla - gas .

Co - - bres mais es - pe - ran - ça que te - mor

calmo

Nes - te ai - leu - cio de re - co - lhi - men - to

f

Es - fron - - - - de de que os as - - tros

ao as ba - - - gas E de que a

simora a - - ga - sa - lhan - te o a nor!

ff

## PARTE OFFICIAL

## Doação de prédios escolares ao Estado

Colaborando eficientemente com o governo na difusão do ensino primário, dando assim uma prova de que querem também vir ao encontro das necessidades publicas, as Camaras Municipaes costumam oferecer predios ao Estado, para nelles se installarem escolas singulares.

O Governo não pôde deixar de receber com viva sympathia e de retribuir com medidas praticas esses gestos das nossas edilidades. Algumas dellas, porém, têm procurado doar ao Estado predios em verdadeira ruina, absolutamente impréstaveis para o fim a que se destinariam.

A Secretaria do Interior vem então tornar publico que o actual Regulamento não lhe permite a acção, para escolas, de casas que estejam naquellas lamentaveis condições, cuja doação não apresenta nenhuma vantagem para o Estado e consequentemente para auxilliar-o no desenvolvimento do ensino.

Chamando a attenção dos interessados para os artigos 188 a 195 do Regulamento da Instrução, a Secretaria do Interior declara, por este aviso, que é inútil o offerecimento de predios impréstaveis ao Estado, visto como, de seu exame pelos technicos, resultará forçosamente a não acceitação dellas pela Secretaria.

## Aos srs. inspectores regionaes

A Secretaria do Interior vem recomendar aos srs. inspectores technicos regionaes que, logo depois de concluida a fiscalização de cada um dos municipios de sua circumscripção, remetam á Secretaria um relatório sobre o municipio percorrido, dando noticia do serviço feito e suggerindo medidas que lhes pareçam necessarias para o aperfeiçoamento do ensino.

Nas suas viagens de inspecção têm os regionaes um grande dever a cumprir e é o de se entenderem desveladamente com os conselhos escolares e as Associações de Mães de Familia, em favor das Caixas Escolares, para que cresçam umas e se levantem outras e possam assim servir copiosamente ás crianças pobres que frequentam as casas de ensino.

Este trabalho, cuja grandeza ninguém desconhece, deve ser feito com alma e patriotismo. Os srs. inspectores promoverão conferencias, para que da tribuna se irradie em toda a localidade a certeza de que este movimento é digno e fecundo. Fariao com que os jornaes se empenhem no movimento e assim da imprensa se illustre para todo o meio social a centella de um enthusiasmo que levanta e constrõe. Fariao com que se congreguem, sem distincções de classes, sem de-crédos, todas as figuras orientadas de cada logar, de modo que entre todos

se estabeleça uma duradoura corrente de acção em beneficio das Caixas Escolares.

Sem esta actividade movimentada e sincera, a Secretaria se verá na dolorosa contingencia de diminuir as vantagens pecuniarias dos inspectores que se revelarem falhos de estimulo, pobres de devotamento á causa da instrução.

Mas a Secretaria está certa de que os srs. inspectores regionaes saberão trilhar esse caminho fecundo, creando, amparando, tocando de vida real aquellas generosas instituições, que tão eficientemente podem concorrer para que a diffusão do ensino primario seja no nosso Estado uma grande e luminosa verdade.

Secretaria do Interior, 18 de maio de 1925.

## Remessa de Livros para as Escolas

A Secretaria do Interior tem fornecido promptamente os livros necessarios a todas as escolas isoladas, que lhe enviam, com as devidas respostas, o questionario que para esse fim recebem.

Sem o preenchimento dessa formalidade, não é possível á Secretaria fazer a remessa de livros.

Publicamos, então, o referido questionario como um aviso a todos os professores, para que preencham os requisitos nelle exigidos e assim possam ser attendidas as respectivas escolas.

7.ª Secção. — Municipio de... Districto de... Povoador denominado... Escola de sexo... Aluno matriculado em 192... 1.º anno... 2.º anno... 3.º anno...

Relação dos livros didacticos existentes em bom estado, (devoendo ser mencionados titulos dos mesmos e os nomes dos respectivos autores... Aluno matriculado em 192... 1.º anno... 2.º anno... 3.º anno...

Relação do mobiliario pertencente á escola...

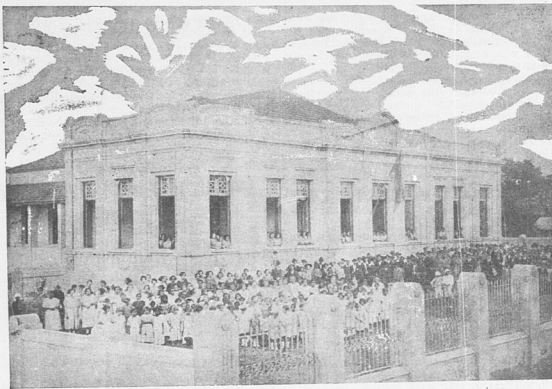
Queas as dimensões do quadro negro?... Relação do material de ensino (mapas, globo, contador mechânico, compasso, regua, transferidor, esquadro, etc... E' do Estado, da Camara ou de particular, o predio onde funciona a escola?... Quantas salas de aula tem?... Queas as dimensões de cada uma?... A escola tem adjuncta? porque?... Qual o consignatario?... observações...

O professor... Visto, O Inspector escolar...

Nota — O professor que não devolver este questionario devidamente preenchido incorrerá nas penas do regulamento.

A Secretaria do Interior avisa aos directores e professores que o cancelamento de matricula nas escolas e grupos deve obedecer ao prescripto no art. 24 do Regulamento do Ensino.

Assim, só terão a matricula cancellada: a) os menores impossibilitados de frequentar a escola ou grupo por falta absoluta de meio de communicacão ou por indigencia notoria; b) os incapazes physica ou intellectualmente;



Grupo Escolar de Fruetal.

c) os que soffrerem molestias contagiosas incuráveis;

d) os que permanecerem por mais de tres annos ininterruptos no mesmo anno do curso, salvo o caso de molestia adquirida depois da matricula;

e) os que mudarem para fora do permittido escolar;

O novo regulamento do Ensino, actualmente em vigor, não pôde permittir o cancelamento da matricula fora dos casos acima enumerados, pe-la simples e clara razão de que elle preceitua a obrigatoriedade do ensino.

A Secretaria faz este aviso porque lhe consta que varios funcionarios do magisterio têm eliminado da matricula alumnos, pelo motivo de falarem elles ás aulas sem causa justificada.

Orá, num caso destes, os responsaveis pela frequencia escolar usarão dos meios regulamentares para obrigar o comparecimento dos alumnos. Não lhes cessará porem, a matricula.

## Exigencia do diploma de normalista para effectivação de professores

De accordo com o Regulamento do Ensino em vigor, nas cadeiras de cidades, villas e sedes de districtos não podem ser effectivados os professores que não forem normalistas.

E' esse o preceito legal, que está sendo rigorosamente cumprido, não sendo possível, pois, atten-

der qualquer pedido que venha contrariar a disposição regulamentar nesse assunto.

## O pagamento dos professores substitutos

O pagamento aos professores substitutos da gratificação a que têm direito por serviços prestados nos grupos e escolas do Estado vinha até aqui sendo feito por processo que o tornava moroso, provocando reclamações dos interessados e dificultando as substituições, com evidente prejuizo para o ensino.

O sr. Secretario do Interior, para remover esse inconveniente, acaba de solicitar de seu collega das Finanças as seguintes providencias:

1) autorização aos collectores no sentido de pagarem promptamente aos referidos professores, quer nomeados pela Secretaria, quer pelo director do grupo ou pelo inspector escolar, o que lhes foi devido, desde que exhibam titulo registrado e amparado pela Secretaria, com direitos pagos, quando estes devam ser cobrados, bem como o atestado de exercicio passado pela autoridade competente;

2) ordem para que o assentamento em folha de tes communicacão se faça na Secretaria das Finanças á vista apenas de officio de communicacão que, para cada caso, será oportunamente expedido.

Como se vê, com essas medidas desaparecerão as delongas resultantes do encaminhamento de pa-

peis de uma para outra Secretaria, assim como dos pedidos da expedição de títulos especiais para pagamento por substituições exercidas, pedidos que nem sempre vêm acompanhados dos necessários documentos para prompto deferimento.

Cumpra agora, que as autoridades escolares locais, em colaboração com a Secretaria, feita a nomeação de um substituto, a ella remetam incumtinenti o respectivo acta, acompanhado da portaria de licença que houverem expedido.

Para os logares vagos não podem as autoridades locais fazer nomeações.

**MATERIAL ESCOLAR**

*As srs. Inspectores:*

A Secretária do Interior tem verificado, por intermedio dos funcionarios que trabalham sob a sua direcção, que em diversas zonas do Estado muitas vezes acontece o seguinte: enquanto numas escolas existe mobiliario e livros com fartura, até mesmo superfluos, obstruindo salas, mesas e armarios, — noutras esse material não ha em quantidade bastante para attender ás necessidades do ensino.

A Secretária recommenda, então, ás srs. inspectores technicos regionaes que, toda a vez que deparem situações como essa, combinem com as autoridades escolares locais uma medida criteriosa, no sentido de transportar para escolas, em que o material falta, o material que em outras se torna superfluo e desnecessario.

A Secretária do Interior, recommenda, entretanto, ás srs. inspectores que tomem esta providencia somente no caso em que ella realmente couber, e fazendo-o sempre com a maior ponderação e medida, tendo em vista unicamente os verdadeiros reclamos e interesses da instrucção popular, dando aviso á Secretária do Interior para o serviço de carga e descarga, aos professores.

**A "Revista do Ensino" nas Escolas e nos Grupos**

A Secretária de Interior está publicando a Revista do Ensino pelo empenho, em que se acha, de que que os funcionarios da Instrucção estejam sempre ao corrente das modernas ideias sobre pedagogia e das conquistas que a cada momento vão alcançando os processos do ensino.

Sendo, pois, um trabalho de leitura necessaria e vantajosa para o todo o professorado do Estado, e, contendo sempre os avisos da administração a respeito do ensino e seu melhoramento, a Secretária recommenda aos directores de grupos e a todos os professores que, tanto nos grupos como nas escolas, não deixem faltar nunca os numeros da Revista, de tal modo que elles estejam sempre á mão para consultas ou leitura.

Os srs. inspectores regionaes, cada vez que entrarem no estabelecimento para a sua visita fiscalizadora, terão o cuidado primeiro de verificar si

esta recommendação está sendo cumprida, si a Revista do Ensino está realmente na casa á disposição dos funcionarios que têm necessidade de vê-la e consultal-a. Trata-se de uma publicação especialmente destinada aos que actiam no desenvolvimento do ensino e nada mais logico, portanto, do que recommendal-a ao acolhimento e á intelligencia do professorado do Estado.

A Secretária aguarda o resultado deste aviso e da incumbencia que, por intermedio deste, dá aos srs. inspectores regionaes.

**A ORGANIZAÇÃO DOS MUSEUS ESCOLARES**

Para que haja uniformidade na organização dos museus escolares, que se vão diffundindo por todo o Estado, publicamos hoje um plano de organização desses museus.

A Secretária do Interior recommenda aos directores e professores, que nelle encontram um paradigma na formação dos excellentes apparatus em boa hora introduzidos nas nossas casas de ensino.

E' o seguinte esse modelo a que nos referimos:

**MUSEU ESCOLAR**

**Plano de sua organização**

- I. Lettura, escripta e lingua patria
  1. Cartões com palavras e syllabas, letras recortadas em papel ou cartolina.
  2. Modelos de escripta, perpendicular e inclinada.
  3. Gravuras suggestivas para exercicios de elocução.
- II. Arithmetica, geometria e desenho
  5. Contador mecano.
  6. Balança com uma collecção de pesos.
  7. Metro de uma peça metro articulado, fita metrica.
  8. Metro quadrado, metro cubico.
  9. Trena, corrente metrica.
  10. Litro, metro litro, decilitro, centilitro, millilitro;
- quarta:
  11. Mappa de systema metrico.
  12. Vel e prumo.
  13. Relogio escolar.
  14. Collecção de moedas.
  15. Mappa geometrico.
  16. Soldos geometricos.
  17. Transferidor, esquadro e compasso grande.
  18. Estajo completo de desenho.
- III. Geographia e historia
  19. Globulo de area.
  20. Planta e photographias do predio escolar.
  21. Planta da localidade escolar e vistas da mesma.
  22. Mapas e vistas do municipio da escola.
  23. Productos naturaes e industriaes do referido municipio.
  24. Mappa do Estado de Minas.
  25. Vistas de B'lio Horizonte e de outras cidades mineiras.
  26. Mappa do Brasil.
  27. Vistas da Capital Federal e das capitales dos Estados.
  28. Mapas da America do Sul e da America do Norte.
  29. Vistas das principaes cidades da America.
  30. Mapas da Europa, da Asia, da Africa e da Oceania.
  31. Vistas das principaes cidades do mundo.
  32. Mappa-mundi, planispherio e panorama geographico.
  33. Globlo geographico.
  34. Bussola.

35. Desenhos ou miniaturas de meios de transporte: cavallo, carros, bicycleta, motocycleta, bonde, estrada de ferro, automoveis, camião, barco, navio, submarino, aeroplano.
36. Objectos historicos da sede escolar.
37. Retratos dos benfeitores da mesma.
38. Armas e utensilios dos indios.
39. Collecção de mappas historicos do Brasil.
40. Retratos de Pedro Álvares Cabral, Thomé de Souza, Mem de Sá, D. João VI e outros vultos do periodo colonial.
41. Idem, da familia imperial: D. Pedro I, D. Pedro II, D. Isabel, etc.
42. Idem, dos membros do governo provisório.
43. Idem, dos presidentes da Republica.
44. Idem, dos presidentes do Estado de Minas.
45. Idem, de brasileiros benemeritos.
46. Idem, de estrangeiros notaveis.
47. Copias de quantos livros como "Desembrimento do Brasil", de Aurelio Figueiredo; "Primeira M'za", de Victor Meirelles; "Os bandeirantes", de Bernardelli; "Grito do Piauí", de Pedro Americo; "15 de Novembro", de Belmino de Almeida; etc.
- IV. Reino animal
  48. Esqueleto de mamifero pequeno.
  49. Couros, pêlo, crina, cerdas.
  50. Ossos soltos, dentes, chifres, conchas.
  51. Escamas, penas.
  52. Ovos e bicos de algumas aves.
  53. Esqueleto de outros vertebrados.
  54. Objectos fabricados de productos animaes, como botões, pents, velas, etc.
  55. Abelha, colmeia, mel, cera.
  56. Bicho da seda e seus productos.
  57. Pequenas collecções de insectos.
  58. Ninhos, casa de João de Barro, caixa de maribondo, etc.
  59. Quadros de anatomia humana.
  60. Quadros da classificação dos animaes.
- V. Reino vegetal
  61. Fol'as e flores em herbario.
  62. Collecção de sementes.
  63. Amostras de madeiras.
  64. Algodão, linho e canhamo, fios e tecidos.
  65. Trigo, qualidades, espiga, farinha, pão, massas.
  66. Milho, qualidades, espiga, sabugo, farinha, fubá, farello; malva.
  67. Feijão, variedades.
  68. Arroz beneficiado e em casca, farinha, fubá.
  69. Mandioca e seus productos.
  70. Canna e beterr'ra, e seus productos.
  71. Café, em ciclo, beneficiado, torrado, moído, amostras das diversas qualidades e typos.
  72. Chá, herva mate e cacau.
  73. Uva e seus productos.
  74. Oliveira, azeitona, azeite doce.
  75. Caco da Bahia.
  76. Cravo da India, canella, herva doce, noz-moscada e baunilha.
  77. Mamona e oleo de ricino, guaraná, ipêcaçuanha, jabonandj, salsa-parilla, sabonveiro e quina.
  78. Borracha, suas applicações.
  79. Guita-percha, gomma arabica.
  80. Incenso, lençolim e camphora.
  81. Anil, caprosa, campeche, açafrao.
  82. Juncó, vime, piaçarra, paqueta e bambú, suas applicações.
  83. Fumo e seus productos.
  84. Caranatia, arinha, cera, folhas, etc.
  85. Bananaeira, folhas, fros, tracas, farinha, etc.
  86. Castanha do Pará.
  87. Pinheiro, fructo, farinha, resina.
  88. Sobroito, cortiça, folhas.
- VI. Reino mineral
  89. Granito.
  90. Marmor.
  91. Argila, telhas, tijolo.
  92. Cal e areia.
  93. Ocre, gesso, cimento.
  94. Carvão de pedra e seus productos.

95. Pedra, gazonina, vaselina.
  96. Potassa, sabão, soda.
  98. Graphite, lapis.
  99. Ardsia.
  100. Salitre, enxofre.
  101. Ferro, aço e manganês, minérios e productos.
  102. Cobre, zinco, chumbo, estanho, folha de Flandres, seus productos.
  103. Ouro, prata, platina, aluminio, nickel.
  104. Mercurio.
  105. Imitações de pedras preciosas.
  106. Objectos de louça, porcelana, vidro e crystal.
  107. Ladrilhos, azulejos, mosaicos, telhas de abastos.
  108. Águas das estancias hydro-mineraes de Minas.
- VII. Physica
109. Alavanca.
  110. Barometro.
  111. Siphão.
  112. Mesmetro.
  113. Bomba aspirante-premente.
  114. Thermometro.
  115. Alambique.
  116. Lente.
  117. Disco de Newton.
  118. Corneta acustica.
  119. Imã.
  120. Filha electrica e pequenas lampadas para experencia.
- VIII. Hygiene
121. Cartões contendo precetos de hygiene.
  122. Quadro dos deveres higienicos do alumno.
  123. Idem, sobre o cuidado dos dentes.
  124. Idem, sobre o exame da vista.
  125. Quadros sobre o valor nutritivo dos alimentos.
  126. Quadros sobre o valor nutritivo em casos de accid.
- dente:
127. Idem, sobre transmissão de molestias pelas moscas e mosquitos.
  128. Amostras de filtros para agua.
  129. Desinficantes mais usados.
  130. Vistas do Instituto "Oswaldo Cruz", e de outros estabelecimentos congeneres.
- IX. Trabalhos manuaes
131. Modelos de dobramento, corte e recorte de papel.
  132. Tecidos de papel e de fibras.
  133. Trabalhos de cartongem.
  134. Collecção de nós e laçadas.
  135. Idem, de trabalhos de arame.
  136. Idem, de trabalhos de modelagem.
  137. Amostras de adubos chemicos para hort'a.
  138. Ferramentas e machinas de lavoura, em miniatura ou em gravura.
- X. Educação moral e civic
139. Quadro dos deveres do alumno.
  140. Bandeira Nacional.
  141. Bandeiras de nações estrangeiras.
  142. Armas da Republica.
  143. Armas do Estado de Minas.
  144. Cartões de instrucção moral e civic.
  145. Retratos dos grandes educadores: Pestalozzi, Hebart, Fröbel, Horacio Mann, Spencer, Sarmiento, Montessori, C. Wagner, etc.
- XI. Exercicios physicos
146. Quadros das posições correctas e incorrectas de gymnastica.
  147. Collecção de halteres.
  148. Utensilios para "volley-ball" e outros jogos.
- XII. Littera
149. Hymnario Escolar.
  150. Diapasão.
  151. Retrato de Francisco Manoel da Silva, auctor do Hymno Nacional.
  152. Retratos de Carlos Gomes e de outros compositores brasileiros.
  153. Idem, de compositores estrangeiros notaveis.



## DIRECTORIA DA INSTRUÇÃO

Relação dos professores elegidos no mez de agosto de 1925

Por Portarias: — Dia 3.

1) Alzira Baptista de Oliveira, da Villa de S. Romão;

Dia 4.

2) Anna de Magalhães Bretanha, Elvira Carneiro Villela, Eulampia Villela, Maria da Conceição Miranda Horta, Dalila Pereira Leite, Maria Mathilde Kolly e Iracema Tiburcio, directora substituta e professoras do grupo escolar de Passa Quatro;

3) Adalaida Netto de Assis, do bairro de Santo Antonio do Alto, na cidade de Barbacena;

Dia 5.

4) Maria Joannina Giacoia, do districto de Rodeiro, municipio de Ubá;

5) Cesarina Sette Camara, do districto de Santa Cruz do Escalvado, municipio de Ponte Nova;

Dia 7.

6) Alice Diniz Moreira, de Imbirussú, municipio de Contagem;

Dia 8.

7) Francisca Maria de Jesus Soares, de Cachoeira do Campo, municipio de Ouro Preto;

Dia 10.

8) João da Silva Quadros, de S. Sebastião do Sacramento, municipio de Manhuassú;

Dia 13.

9) Maria Sebastiana Pires, Adelina de Alvarenga Monteiro e Maria Leopoldina Lage, do grupo escolar do districto de Santa Maria, municipio de Itabira;

10) Elisa Lopes de Oliveira Ramos, da cidade de Tremedal;

Dia 17.

11) Jesuina Guilhermina Villela, de Caréassú, municipio de Santa Rita do Sapucahy;

12) Joanna Antunes de Lourdes, da Villa Espinosa;

Dia 18.

13) Ernestina Gabriella Pacheco e Carmen Pacheco de Barros, de Santo Antonio do Rio das Mortes, municipio de S. João d'El-Rey;

14) Pedro Cesar de Barros, do mesmo districto e municipio;

15) Rita Servula dos Santos, de Caburú, municipio de S. João d'El-Rey;

Dia 19.

16) Josephina Ferreira de Azevedo, de Caréassú, municipio de Santa Rita do Sapucahy;

Dia 20.

17) Sebastião Perpetuo dos Santos, Zoé Josephina Pimenta, Amelia Augusta da Silva, Elmira de Siqueira Lima, Maria José de Siqueira Lima, Cecilia Octaviano de Alvarenga, Stael Palmyra Alves, Esther Augusta de Assis Vianna, Etelvina de Oliveira Campos, Luiza de Azevedo, Anna de Oliveira, Theopila Ferreira da Silva e Maria Hermenegilda de Souza, director e professoras do grupo escolar de Curvello.

Dia 24.

18) Estephania Sampaio, de União, municipio de Barbacena;

Dia 26.

19) Leonor Silva, de Capellinha, municipio de Itanhandú;

20) Francisco Tavares da Silva, Benicia Baptista Braga, Aristocleina Maria do Carmo, Maria Angelica de Castro, Corina Motta, Francisca de Assis Tenebra, Alayde do Carmo, Domicilia de Oliveira Machado e Ezilda Celia Pereira, director e professoras do grupo escolar de Santo Antonio do Monte;

Dia 27.

21) João Loyola, de S. José de Tocantins, municipio de Ubá;

Dia 28.

22) José Pretextado Teixeira dos Santos, Euterpe Aurea do Nascimento e Maria Generosa Carneiro Villela, director e professoras do grupo escolar da cidade do Turvo.

Por Officios: — Dia 7.

1) Severino Antonio Vieira, de Passa Cinco de Cima, municipio de Guarany;

Dia 11.

2) Etelvina de Paiva Lopes, de Amparo da Serra, municipio de Ponte Nova;

Dia 14.

3) Maria Ligoria C. Bicalho, de Bom Jesus do Amparo, municipio de Santa Barbara;

4) Daura de Carvalho Netto, de Rio de Pedras, municipio de Ouro Preto;

5) Agrippina de Miranda, de Ressaca, municipio de Bello Horizonte;

Dia 18.

6) Pedro Cesar de Barros, de Santo Antonio do Rio das Mortes, municipio de S. João d'El-Rey;

7) Carmelita Benigna Lima, de Vera Cruz, municipio de Pedro Leopoldo;

Dia 21.

8) Rosina Cataldo, de São José de Tocantins, municipio de Ubá;

Dia 24.

9) Maria Julia de Oliveira, de S. José do Piedú, municipio de Itanhandú;

Dia 26.

10) Constantina de Oliveira, da cidade de Curvello;

11) Luiza de Siqueira Pinto, de Rio Manso, municipio de Diamantina;

12) Alzira Alves Villela, Anesia Furtado e Amelia Rosa de Jesus, professoras do grupo escolar de Ituyutaba;

13) José Ignacio de Souza, director do mesmo grupo;

Dia 28.

14) Henedina Cunha, Olivia Zuquim e Guilhermina da Silva Pinto Fernandes, professoras do grupo escolar da cidade do Turvo;

15) Maria Augusta Simões Teixeira, de Antonio Prado, municipio de S. Manoel;

Dia 29.

16) Isabel de Araujo Tameirão e Francisca de Tameirão, da cidade de Diamantina;

17) Maria Augusta Latalisa, de Santo Antonio de Tiros.